

VALFRIDES JACINTO DE SOUZA

O TRÁGICO JESUS CRISTO DE JOSÉ SARAMAGO

Dissertação apresentada à Universidade
Presbiteriana Mackenzie, como requisito
para obtenção do Título de Mestre em
Letras.

SÃO PAULO

2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

VALFRIDES JACINTO DE SOUZA

O TRÁGICO JESUS CRISTO DE JOSÉ SARAMAGO

Dissertação apresentada à Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. José João Cury

SÃO PAULO

2007

Souza, Valfrides Jacinto.

O trágico Jesus Cristo de José Saramago. / Valfrides Jacinto de Souza. – São Paulo, 2007.

93f.

(Dissertação). Universidade Presbiteriana Mackenzie.
Mestrado em Letras.

Título em inglês: The tragic Jesus Christ by Jose Saramago.

Palavras-chave: 1. Trágico. 2. Tragédia.

Dedicatória

*Dedico este trabalho aos meus familiares e amigos,
que me ajudaram a construir este sonho, porque o que é o
homem sem sonho “besta sadia, cadáver de procria”,
segundo o que aprendemos com Fernando Pessoa*

*Á memória de muitos que já partiram,
mas deixaram uma chama de esperança:*

D. Júlia de Souza

D. Romélia de Souza Domingues

D. Romilda Jacinto de Souza

D. Genny Almeida de Souza

Sr. Sebastião Jacinto de Souza

Também àqueles que estiveram ao meu lado:

D. Ana Saldanha Marinho de Souza, Marizilda, Júlio César e Kauê

Agradecimentos

“Um galo sozinho não tece uma manhã
ele precisará sempre de outros galos.
de um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro: de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos”
(João Cabral de Melo Neto)

O próprio excerto é a explicação para agradecer aos professores:

Prof. Dr. José João Cury (orientador)

Profa. Dra. Marlise Vaz Bridi

Prof. Dr. Edeval Silveira

Foram eles que deram a mão forte, para que pudéssemos concluir nosso percurso e chegarmos a bom porto.

Sumário

Dedicatória

Agradecimentos

Resumo

1. INTRODUÇÃO	10
2. O TRÁGICO E O HERÓI	27
2.1 Trajetória de Jesus.....	36
2.2 O Aprendizado do Herói Humanizado.....	44
2.3 Cronotopo.....	50
2.4 A Concepção.....	53
2.5 A Anunciação.....	61
3. A FUGA	64
4. A PRISÃO E CRUCIFICAÇÃO DE JESUS	67
5. CONCLUSÃO	79
6. REFERÊNCIAS	89

Resumo

O presente trabalho buscou demonstrar que o romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, obra de José Saramago, pode ser interpretado como uma visão trágica de figura de Jesus, denominado o Cristo. Buscou-se rastrear o conceito clássico e moderno do termo tragédia. Percebemos também a cosmovisão saramagiana de viés marxista como base de sustentação da criação do romance. O autor desejou resgatar a humanidade de Jesus e não sua face divina, pois o percurso do romance parte da dúvida da divindade de Cristo para terminar em sua humanização como traço fundamental de sua vida.

Abstract

The present work tried to demonstrate that the novel "O Evangelho segundo Jesus Cristo" (*The Gospel according to Jesus Christ*), written by José Saramago, may be interpreted as a tragic vision of Jesus' figure. It searches to pursue the concept of the classical and modern tragedy and the character of the hero, as well. The novel is involved by Saramago's Marxist conception of the world. He is interested in rescuing the human nature of Jesus and refutes his divinity. In the beginning of the novel Saramago points Jesus in search of his real nature whether he is a man or a god but according Saramago's point of view Jesus' humanity is the fundamental trace of his life.



Albrecht Dürer, denominada “A grande paixão”

1. INTRODUÇÃO

A elaboração deste trabalho tem como hipótese a ser desenvolvida o possível enquadramento de Jesus Cristo, visto por José Saramago, em sua obra “O evangelho segundo Jesus Cristo” como um herói trágico e discutir a situação trágica de Jesus.

Uma primeira preocupação será definir o que é herói e o que é trágico para dar corpo a uma das proposituras acima apresentadas, passando, por isto, desde o sentido etimológico dos termos até sua evolução dentro do mundo cultural grego e do mundo moderno, a fim de se saber a condição de herói ou a condição trágica podem ser compreendidas do mesmo modo como àquela definida e compreendida pela cultura grega; ou dever-se-ia buscar o conceito dos termos acima, na visão moderna.

Além do que se pretende compreender a tessitura do discurso do autor na constituição da obra e para tanto usar-se a teoria de carnavalização de Mikhail Bakhtin e o que, deste teórico, se fizer pertinente, a análise da obra “O evangelho segundo Jesus Cristo” de José Saramago.

Também se entende por pertinente a proposta Bakhtiniana de cronotopo para se compreender o processo evolutivo da criação ficcional de Saramago, particularmente em O Evangelho Segundo Jesus Cristo.

O autor ao compor seu ficcional Evangelho o fez de maneira irônica, pois os Evangelhos bíblicos são considerados sagrados, isto é, dedicados aos deuses ou deus, portanto, são considerados irrepreensíveis, isto segundo uma ótica teológica.

Ora, a ironia usada pelo autor dá o avesso do afirmado na escolha do termo EVANGELHO, uma vez que a ironia serve como meio de dessacralização do relatado; aquilo que é divino e verdadeiro, único e absoluto dentro de espírito teológico, torna-se passível de dúvida e até mesmo, risível, pelo processo de carnavalização, deste modo não há mais a sacralidade própria dos evangelhos.

Saramago faz uma espécie de rebaixamento das noções do sagrado e com isto relativiza, por meio do discurso empregado, o ser absoluto que é DEUS, visto pelos textos judaico-cristãos que constituem os escritos da Bíblia.

Ao longo da história ocidental, o gênero tragédia tem sido analisado de forma diferente por críticos e historiadores da cultura.

Lendo alguns teóricos da modernidade, é possível observar que o vocábulo tragédia, vem sofrendo uma série de alterações, que comprometem a sua verdade semântica, ou pelo menos se afastam das concepções aristotélicas.

Em seu ensaio “Da tragédia ao trágico”, Glen W. Most afirma que a tragédia não se refere a um gênero literário, mas às condições humanas:

O termo não é estético, mas antropológico ou metafísico; ele não define um gênero literário, mas a essência da condição humana, em sua estrutura imutável ou como se manifesta em circunstâncias excepcionais.

Zélia de Almeida Cardoso, estudiosa das tragédias do romano Sêneca, concorda com Glen W. Most, pois pesquisando a formação e a história da tragédia grega, não identificou evidências de que o termo, cuja etimologia parece provir de *tragos* que significa bode, fizesse uma referência a uma forma dramática literária ou, nem mesmo, observou uma relação entre o gênero e o animal.

Porém, outros estudiosos, como Margarete Bieber, contesta Cardoso e propõe hipóteses para explicar uma relação entre bode e o gênero tragédia.

Baseando-se na interpretação de tábuas órficas, realizadas por Olivieri, Bieber verificou que a palavra *tragos* estava associada às raízes históricas da tragédia: tratava-se de danças rituais desenfreadas e frenéticas, realizadas nas solenidades religiosas em homenagem a Deméter e, sobretudo a Dionísio.

Composições poéticas, denominadas ditirambos, marcavam o ritmo para a execução dos movimentos da dança, até que os participantes atingissem o êxtase, ou seja, entrassem em comunhão com a divindade.

Neste período, os homens acreditavam que, ao se unirem com o deus, eles próprios se tornariam um animal do rebanho sagrado de Dionísio.

Segundo a mitologia romana, *thíasos* era um jovem bode cujo canto se elevava ao deus, e, desta forma, a tragédia significa o “canto do bode”.

Depois de uma breve explanação a respeito da etimologia da palavra, procurou-se identificar os pressupostos básicos de uma tragédia.

A primeira tentativa de resposta foi invocar algumas das grandes personagens das tragédias gregas, tais como Édipo, Orestes, Efigênia, portanto, a essência do gênero trágico estaria na natureza do herói, da qual se ocupou Aristóteles.

Em *Teoria da Tragédia* (...), Schiller concordou com a teoria do filósofo grego:

O sofrimento do homem virtuoso nos comove mais dolorosamente que a do depravado. Isto porque, naquele caso, não só é contrariado o fim comum dos homens, o de ser felizes, senão também o fim específico: que a virtude traga fé.

Em *O sentido e a máscara*, Gerd A Bornhein concordou também com o teórico grego, afirmando que seria possível identificar o elemento básico do trágico, a partir da concepção de um herói, como princípio e finalidade da tragédia.

Porém, tal limitação não é suficiente, pois, quando se mostra o teor do trágico tão somente a partir do homem, esqueceu-se um outro pressuposto, sem o qual a tragédia não chegaria a concretizar-se: a ordem ou o sentido que forma o horizonte existencial do homem.

Evidentemente, a natureza da ordem varia: pode ser o Cosmo, os deuses, a justiça, o bem ou outros valores morais, o amor e até mesmo (e sobretudo) o sentido último da realidade.

Mas só a partir desses dois elementos se tornou compreensível o conflito que caracteriza a ação trágica. Estar em situação trágica remete àqueles dois pressupostos, e a partir da bipolaridade da situação, faz-se possível o conflito que permite o próprio advento do herói trágico.

De fato, o trágico seria inexplicável a partir apenas da subjetividade do homem, como se este, de repente, ou por si só, se encontrasse em situação trágica, como se o homem fosse a única perspectiva possível do trágico.

Segundo José Paulo Paes, na apresentação da obra em questão, editada pela Cia das Letras, no ano de 1991:

O trágico – ao menos o trágico sofocliano modelar para todas as metamorfoses superiores do trágico – brota do choque, exasperado por um fato concreto (...) entre duas ordens em certa medida perfeitas, isto é, plenamente legítimas, plenamente válidas segundo suas próprias leis e, devido exatamente a essa plenitude auto-bastante de cada uma, incompatíveis entre si. Além do mais, para que exista realmente o trágico o conflito deve ser irresolúvel em termos razoáveis e o herói, inevitavelmente, deve sucumbir, pela morte ou mutilação (...). “O fim da peça é também o fim do herói” Formas residuais do trágico, Eduardo Sterzi, in Formas e Mediações dos Trágicos Modernos.

E ainda podemos buscar um outro teorizador que afirma:

“A tragédia falta, portanto, qualquer intenção de representar algo. É por isso que, no sentido restrito, não se pode nem falar em “atores”, pois não se representa nada. Apenas se fala. Isso parece estranho aos homens modernos no que se refere à tragédia, pois no teatro esperamos justamente a trama e a dramaticidade dos acontecimentos. A tragédia não atende a essa expectativa.”(Édipo- Solucionador de Enigmas- Thorwald Dethlefsen, p 35)

O objetivo deste estudo é analisar o romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), de José Saramago, obra causadora de uma grande polémica em Portugal, quando de sua publicação, pela maneira como o autor apresentou a figura de Cristo.

Desejou-se constatar se é factível usar-se o termo trágico para a figura de Jesus, surgida da construção ficcional de Saramago.

O Prêmio Nobel de 1998 fez uma releitura da idéia do mito do Cristo, enfatizando a sua atuação como um ser humano e como um homem revolucionário, portanto mais próximo de uma perspectiva marxista que é sua visão para a compreensão do drama humano.

Saramago mesmo assim se manifesta:

“Até onde eu pude chegar e compreender, como leitor e como estudioso (porque alguma coisa li, embora não me imagine um especialista), o marxismo serve-me para compreender o mundo de um modo que faz todo o sentido. O que quero dizer com isto é que o marxismo, pelo menos para mim, não morreu e continua a ser útil: estou nele e nem sequer posso conceber outro modo de tentar entender o funcionamento das sociedades humanas.” (Carlos Reis, pg.78)

Portugal, inserido em uma cultura secular cristã, não aceitou esta hipótese do autor como elemento válido e suficiente para falar de Cristo, estando aí a causa da celeuma criada, que provocou até o afastamento do escritor da terra natal, magoado com a atitude de autoridades governamentais que reforçaram a estigmatização de seu Evangelho como algo contrário a alma verdadeiramente portuguesa.

Pesquisando-se a fortuna crítica da obra, observou-se que Jesus, figura expoente da formação do Cristianismo, já foi interpretado por outros ficcionistas de Portugal de várias formas, quer histórica, teológica ou ideológica, portanto, o trabalho em curso, baseado no romance de Saramago, optou por uma análise da personagem bíblica Jesus pelo prisma de seu percurso trágico.

O herói saramaguiano, Cristo, aparece em uma dimensão de extremo sofrimento quer físico, quer emocional e a opção por uma narrativa, denominada pelo autor, de evangelho, foi justificada pelo mesmo assim:

Para que as histórias permaneçam vivas é preciso recontá-las. Contos, racontos, recontos. Daí serem mais de um os evangelhos, testemunhos de presença a que se foram sucessivamente juntando incontáveis testemunhas de imaginação, dos mistérios medievais aos autos folclóricos, deles ao romance de um Lägerkvist (Barrabás) ou Kazantzákis (A última tentação de Cristo). Essa tradição ininterrupta, agora se enriquece com “O Evangelho segundo Jesus Cristo”.

Ao ler-se o que o autor disse, percebe-se que o narrador em terceira pessoa, onisciente anuncia que sua obra é um *Evangelho*, que etimologicamente significa “boas novas”. Acreditou-se instigante saber-se quais as novas trazidas por este apócrifo evangelho, a fim de que se possa bem entender se a figura de Jesus, vista pelo autor, e analisar se seria possível o reconhecimento de Jesus como um herói trágico ou se nele tem-se, apenas um conflito trágico.

Sabe-se que os chamados Evangelhos bíblicos narram a vida de Jesus por meio de três sinóticos, isto é, resumidos: Mateus, Marcos, Lucas e um desenvolvido: João, constituindo todos eles em livros canônicos da fé cristã. Embora eles apresentem certas divergências entre si, o que se pode notar é que todos buscam apresentar a vida do Cristo como ser divino e não somente humano.

A apresentação dos Evangelhos ocorreu muito tempo depois da passagem de Jesus pela terra e tais divergências apresentadas pelos autores bíblicos, são assim explicadas por K. Adman:

Cristo nada deixou escrito. Seus ensinamentos eram ministrados a viva voz, quer falasse a seus discípulos mais chegados, quer se dirigisse às grandes multidões. Aos apóstolos, Jesus ordenou que pregassem o que lhes havia ensinado tendo-lhes, antes, assegurado uma assistência e autoridade especiais ‘Quem vos ouvir, a mim ouve’.

Nessa pregação oral, na qual a memória pode ter interferido no conteúdo dos fatos, os evangelistas vão buscar a própria forma de suas narrações a fim de transmitir aos fiéis os ensinamentos e ações do Mestre.

A respeito do gênero literário dos sinóticos, é preciso notar de entrada, que eles são uma compilação e não têm a pretensão de compor uma obra literária original, na qual, apoiando-se em um estudo das fontes, ter-se-ia traçado um retrato original de Cristo. Sua intenção é muito simplesmente recolher estas e aquelas informações, pondo em ordem todas as tradições relativas a Jesus.

Segundo Bart D. Ehrman:

“A Bíblia passou a ser para mim um livro completamente humano. Do mesmo modo os copistas como humanos copiaram, e alteraram, os textos da Escrituras. Ela é um livro humano do começo ao fim. E foi escrita por diferentes autores humanos, em diferentes épocas e em diversos lugares para atender a diferentes necessidades. Muitos desses autores sem dúvida se sentiam inspirados por Deus...” (p.21).

Saramago partiu dessas fontes bíblicas, mas as apresentando de forma literária e com seu testemunho crítico, portanto apresentando Jesus como uma personagem.

Ao eliminar as fronteiras entre o Jesus histórico e o Jesus divino, Saramago atualizou-o não só a personagem como também os desdobramentos do universo cultural no qual a história de Jesus nasceu.

Dentro da cultura ocidental e particularmente na visão cristã, Jesus aparece como a figura revelada por Deus, para ser o Salvador do Homem e, embora muitos não o compreendam assim, pode-se afirmar que, independente da crença que se possa ter, esta figura tem dominado o cenário histórico de tal modo que seu pretense nascimento fez uma divisão da história do mundo, que foi incorporado ao calendário ocidental, e que tem prevalecido sobre milhões de pessoas de crenças e culturas diferentes.

O professor Roger Bastide, em um estudo seu que fala das influências religiosas do comportamento humano (1983, p. 3) afirma que:

Há muito tempo, realmente, nos tínhamos surpreendido com a influência que a religião tem sobre o estilo de um escritor e sobre seus processos de composição. Um romancista ou um poeta pode ter renunciado a qualquer crença mística, julgar-se libertado do poder das igrejas, proclamar-se livre pensador. Não foi impunemente que ficaram para trás seus avós católicos, calvinistas, ou pais saídos das ruas estreitas de um gueto. Não foi impunemente que suas mães, um dia, juntaram-lhes as mãos infantis, ou cantaram cânticos na sombra perfumada de um santuário. Fica sempre qualquer coisa. Não se matam os deuses. Pode-se derrubá-los de seus pedestais; eles continuam em nós, subsistem nas cavernas sombrias, nas câmaras que se crêem fechadas, e, estas trevas ignoradas, eles falam ainda. Há em todo escritor, mesmo no mais leigo, um gueto interior cheio de pequenas boticas, de murmúrios abafados, uma angústia dos pogroms, um velho que recita diante de um dos rolos da Lei. Ou então, é um templo severo e nu, sem cruz, somente com uma Bíblia aberta, preta e branca sob a luz de um cévenol e, por detrás, ancestrais acuados, preces na montanha sob um céu patético, profetas em êxtase que falam línguas estranhas.- toda uma massa de não-conformados que se perde no mais fundo de uma alma” (Bastide, Estudos afro-brasileiros, Perspectiva, SP, 1983, p.3)

Partindo da afirmação de Bastide que “não se mata os deuses”, pode-se perceber que Saramago não conseguiu fugir dessa verdade e, ao tentar fazer uma análise dos fundamentos da sociedade portuguesa, proposta esta começada pelo autor, a partir de 1980 e somente concluída em 1991, permitindo que este fosse buscar na figura de Jesus, um dado revelador da verdadeira alma portuguesa, entretanto, apresentando-a com uma visão marxista.

Como se sabe, Saramago filiou-se ao Partido Comunista em 1969 e pode parecer incoerente, ou pelo menos irônica a sua proposta de traçar a vida de Cristo, um marco da alma lusitana, dentro de uma perspectiva marxista.

“Eu acho que se pode pôr o marxismo, com exagero e sem rigor, ao lado do cristianismo. O cristianismo constitui-se para nós, sobretudo na sua versão católica, como qualquer coisa que estaria destinada a ocupar todo o espaço do Homem e que seria universal. Já vimos que não é; quando se vai contar os cristãos, verificamos que são uma minoria na população mundial. Também se pensou o mesmo do marxismo, e daí as “exportações” do marxismo para sociedades que nem sequer estavam em condições de o entender” (Carlos Reis, p. 78)

Karl Marx (1818-1883), grande ideólogo do socialismo científico, concebia o homem com um complexo no qual o momento histórico e o lugar onde tenha nascido e vivido teriam conseqüências fundamentais para sua realização e formação. Além disso, Marx elege o processo econômico e a relação entre capitalista e proletariado como traço fundante do processo ideológico e assim podemos compreender aquilo que o autor conceitua como ideologia.

Leandro Konder em sua obra Marx (pg.62) define ideologia assim:

Todos os homens, no curso de suas vidas, adotam e utilizam determinadas formas de representação da realidade, determinadas maneiras particulares de encarar o mundo e a vida. Com base nessas maneiras de avaliar as coisas, os seres humanos criam suas escalas de valores: convencem-se do que deve esperar da vida, de como devem viver e de quais são os objetivos que devem perseguir com prioridade em suas respectivas existências.

Dentre muitas conceituações, escolheu-se ainda aquela definição dada pelo Dicionário de Filosofia, Gerard Durozoi André Roussel:

O sentido mais freqüente no emprego contemporâneo vem do marxismo, em que a ideologia designa a representação falseada do mundo imposta pela classe dominante, a primeira, acreditando, eventualmente, que ela é a realidade. Ideologia é, desse modo, uma espécie de mentira coletiva mais ou menos involuntária proveniente de uma ignorância da determinação das superestruturas intelectuais e espirituais pela infra-estrutura econômica. (p.244)

A ideologia, como se sabe, recobre então todos os domínios do pensamento: Religião, Política, Direito, Arte, Filosofia, a própria Ciência. Todos estes ramos do conhecimento podem contar com o auxílio de certas instituições ou do próprio Estado.

Partindo destas duas definições e de suas contradições internas para abordagem do Evangelho de Saramago, pois em uma primeira definição, dentre as apresentadas, temos que *ideologia* representa a maneira de avaliar as coisas, os seres humanos e, a partir disso, criar-se uma escala de valores e, por fim, criar-se um objetivo de vida.

Na outra, o conceito do termo é dito como representação falseada do mundo, imposta pela classe dominante. Ora, esta-se diante de uma grande contradição na qual a palavra *ideologia* é tomada como algo positivo e na outra como algo negativo.

Buscando outros analistas do termo, chega-se ao conceito do Círculo de Bakhtin e a contribuição do Círculo de Bakhtin, grupo de intelectuais que se reuniram durante dez anos (1919/1929) a fim de discutir do processo cultural de modo amplo e geral e, inclusive falando do conceito de ideologia.

Tal grupo, contando com a participação de pessoas de diversas formações e interesses intelectuais e atuações profissionais, daí o caráter multidisciplinar do grupo que incluía filósofo Matvei I. Kagan, o biólogo Ivan I. Kanaev, a pianista Maria V. Yudina, o professor e estudioso de literatura Lev V. Pumpiianski, além de Valentin N. Voloshinov, Pavel N. Medvedev e Mikhail Bakhtin, sua principal liderança.

Esta participação plural de tantos estudiosos interessados no fenômeno cultural, também daria seu contributivo para clarear o termo tão controverso e possibilitador de várias interpretações e assim, segundo Carlos Alberto Faraco, em sua obra *Linguagem & Diálogo as idéias lingüísticas do circulo de Bakhtin*,

Nos textos do Círculo, a palavra *ideologia* é usada, em geral, para designar o universo dos produtos do “espírito” humano, aquilo que algumas vezes é chamado por outros autores de cultura *imaterial* ou produção *espiritual* (talvez como herança de um pensamento idealista); e, igualmente, de formas da consciência social (num vocabulário de sabor mais materialista).

Ideologia é o nome que o Círculo costumava dar, então, para o universo que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a ética, a política, ou seja, todas as manifestações superestruturais (para usar certa terminologia da tradição marxista).

(...) “É com esse uso no plural que Medvedev inicia seu livro dizendo que o estudo da literatura é um ramo do estudo das ideologias, abarcando este todas as áreas da criatividade intelectual humana.” p. 46

Esse grupo apresentava dois grandes projetos: a criação de uma reflexão filosófica ampla, e outro, a construção de uma teoria marxista da chamada criação ideológica, isto é, aquilo que falasse da produção do espírito humano, ou melhor, falasse da superestrutura.

Segundo a visão do Círculo os “signos são intrinsecamente sociais, isto é, são criados e interpretados no interior dos complexos e variados processos que caracterizam o intercâmbio social”.

Deste modo, os textos são signos e esses refletem o mundo e refratam este mesmo mundo.

Tal conceito significa que o signo não somente serve para descrever o mundo, mas também servem para construir visões de mundo, portanto os signos lingüísticos instalam verdades por eles criadas.

Tendo em consideração esta posição abeberada em Bakhtin e seus companheiros, podemos dizer que José Saramago ao escrever o “O Evangelho segundo Jesus Cristo”, com o seu texto, foi capaz que criar uma outra variante igualmente válida do drama crístico.

No presente trabalho, usa-se o termo *ideologia*, tomando por base a visão do Círculo de Bakhtin, isto é, todos os produtos da cultura dita imaterial.

Há consciência bastante clara de que se está diante de um texto ficcional, quando se fala da obra “O Evangelho segundo Jesus Cristo” e, neste processo sabe-se que prioritariamente vai analisar o texto enquanto representação final da obra, pois a obra literária somente se consubstancia na produção textual.

O próprio narrador do Evangelho já nos adverte: “...o que temos diante de nós é papel e tinta, mais nada.”(ESJC, p.13)

O objetivo primordial do trabalho é contribuir para uma maior e melhor visão da densidade da produção de José Saramago dentro do universo da Literatura Portuguesa contemporânea.

A partir de 1974, Portugal tem respirado novos ares em consequência da Revolução dos Cravos, e, certamente a literatura portuguesa dos dias atuais está refletindo este novo momento de sua história da cultura.

Desta forma, o autor faz uma leitura nova do velho país, dentro da perspectiva democrática e se utilizará do mito de Cristo para abranger a totalidade essencial da alma de seu país.

Embora Saramago começasse a sua produção literária em 1947, com o romance “Terra do Pecado”, somente a partir de 1980, ele atingiu uma dimensão maior à sua produção e teve o reconhecimento dos leitores e críticos.

Pode-se perceber que Saramago tem um outro propósito ao escrever seu Evangelho, o escritor busca, efetivamente, desvendar e compreender Portugal moderno e para tanto, tem revisitado momentos importantes da história de Portugal para melhor compreender sua pátria no momento presente. Esta preocupação com Portugal, começou a se manifestar no escritor, a partir de seu romance *Levantado do Chão* (1980) e prossegue com os romances que se sucedem: *Memorial do Convento* (1982), *O Ano de Morte de Ricardo Reis* (1984), *A Jangada de Pedra* (1986), *História do Cerco de Lisboa* (1988), *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), sendo que com este último, o autor cessou esta preocupação e caminhou para outras sendas literárias. Portanto, enfatiza-se o significado importante do Evangelho na trajetória de Saramago, pois parece que este trabalho é o finalizador de um percurso, que pode ser dito histórico, de desvendar a essência da alma portuguesa, na trajetória do autor.

E assim pode-se concordar com Silva que,

“Logo, não se trata de um texto que, enquanto ficção tangencia o histórico porque utiliza informações verídicas que, eventualmente são objetos da História, mas de um discurso que em sua execução e propósitos, se revela organizador da História por intermédio do ficcional.” (Silva, p. 26)

Pode-se pensar que a proposta do romance histórico é buscar reerguer um momento da história de um povo a fim de exaltar a nação a partir de determinado evento; entretanto, nota-se que Saramago faz uso de um processo denominado de metaficção historiográfica, que busca a utilização do

diálogo entre um determinado período histórico ou um específico momento, com o intuito de revisitar a história para reavaliar e buscar explicações para o momento presente. Portanto, não fará a exaltação da fase escolhida, mas a confrontação para que haja a real compreensão do acontecimento na história da vida nacional. Certamente esta é realmente a posição de Saramago.

O Prêmio Nobel fará análise de Cristo em uma perspectiva trágica, portanto ocupar-se-á na definição do ser conhecido como herói.

2. O TRÁGICO E O HERÓI

“Pois todo herói não é senão o a amálgama magistral dos caracteres de um povo, que o elaborou na sua inexaurível força criadora”

(Machado,p.84)

Definindo que o Jesus saramaguiano pode ser tomado como um herói trágico e indispensável é fundamental que se busque historiar o significado etimológico dos termos herói e trágico.

No Dicionário de símbolos de Jean Chevalier e Alain Cheerbrant, encontrou-se esta definição: herói é produto do conúbio de um deus ou de uma deusa com um ser humano, o herói simboliza a união das forças celestes e terrestres. Mas não goza naturalmente da imortalidade divina, se bem que conserve até a morte um poder sobrenatural: deus decaído ou homem divinizado. Os heróis podem, no entanto, adquirir a imortalidade.

Etimologicamente o significado do termo herói, segundo Vera Bastazin, quer dizer “aquele que nasce para servir”.

Ora, há de se notar que o Jesus de Saramago preenche todos os dados acima mencionados, pois nasceu para servir de vicário da redenção do homem caído em desgraça desde sua expulsão do Paraíso. Esta seria a leitura presente nos Evangelhos canônicos: contudo, Saramago o apresenta de modo diferente, porque Jesus é mais o redentor de sua própria história. Entretanto, já estava marcado para sofrer morte de cruz porque assim queria um Deus desprovido de qualquer piedade ou compreensão do ser humano e de suas aflições, conforme a visão do autor, todavia preocupado com a expansão e consumo da religião que viria a ser criada, após o derramamento do sangue de Jesus.

Se cumprires bem o teu papel, isto é, o papel que te reservei no meu plano, estou certíssimo de que em pouco tempo mais de meia dúzia de séculos, embora tendo de lutar eu e tu, com muitas contrariedades, passarei de deus dos hebreus a deus dos que chamaremos católicos, à grega... (ESJC, p. 370).

Há de se perguntar quem é este Deus (Jeová) e segundo Max Beer em sua História do socialismo lê-se ali:

O deus supremo dos hebreus, na ocasião em que invadem o país de Canaã (doze séculos antes do nascimento de Jesus) era Jahvé ou Jeová, deus do deserto, do calor tórrido, do fogo Ardente e das tempestades. Nas lutas com os demais povos, Jahvé aparece como um herói guerreiro. Na vida interna dos hebreus, seu deus é um protetor da coesão das tribos, um legislador que exige uma vida ordenada e pura.

Para os hebreus, Jahvé encarna as propriedades físicas do deserto, assim como as condições sociais, econômicas e normais das hordas nômades. Os sacrifícios que lhe oferecem são bem pobres: um pouco de farinha, um asno ou coisa equivalente. Os nômades do deserto não podiam oferecer nada melhor a deus. Apesar da indigência e da sua espécie de vida, tal era o deus que os hebreus adoravam e temiam. Criaram-no a imagem de seu meio físico e organização social.

Baal, deus de Canaã, era um deus diferente. Da mesma forma que Dionísio, o Baco dos gregos, Baal era o símbolo religioso de uma natureza pujante, o deus de um país onde havia leite e mel, azeite e vinho em abundância. Era quem dava vida e fertilizava os homens, os animais e as plantas. Este deus encerrava em si todo o mistério da criação. As colinas sagradas, os altares, eram locais onde os homens se entregavam as orgias violentas, dando expansão aos instintos físicos. Os sacrifícios ao deus Baal eram festas voltuosas, onde predominava a luxúria. Os bosques sagrados eram os sítios propícios aos abraços ardentes. Aos olhos dos profetas, o culto a Baal não era mais que pretexto para os homens darem livre expansão à luxúria, copulando abundantemente. Do ponto de vista social, Canaã, encontrava-se há muito tempo em uma etapa superior ao estado de organização em tribos. Já estava dividida em cidades, onde existiam o comércio e a indústria, e onde tudo já havia transformado em propriedade privada..”(p.32)

Novamente vê-se aparecer referência à palavra herói, ora deve-se, portanto rastrear o seu surgimento no universo que lhe é próprio, do mundo grego.

Segundo Jean Pierre Vernant, a origem do pensamento grego estaria ligado a três momentos fundamentais do mundo desta cultura:

O primeiro período é o micênico que vai do século XVI a.C. a XII a.C. Pode-se afirmar que neste período a sociedade se organiza, tendo como dado fundamental para sua organização as grandes civilizações do Mediterrâneo oriental. É o momento do mundo palaciano e aristocrático. Quem detém o poder absoluto é o anáx, comandante em chefe dos guerreiros, sendo este encarregado de defender o chefe e a cidade.

Quando se chega ao período de XII a.C a VIII a.C aparece o sistema oligárquico em substituição ao monárquico e este passa a ter o controle do cenário político é quando aparece a figura do basileu e desaparece a do anáx. O poder absoluto do anáx desapareceu e constata-se aparecer quatro domínios: o religioso, o guerreiro, o agrícola e o mágico; há, nesta fase, o domínio dos aristocratas, isto é, o governo realizado pelos melhores.

Finalmente no século VIII a.C. a VII a.C. surge o pensamento filosófico e a instituição da polis, quando as instituições são os elementos básicos da sociedade e tudo pertence ao domínio público. Não se está totalmente sob a égide do religioso, contudo não há autonomia total deste elemento é agora que aparece o culto a Dioniso., origem este da tragédia.

Quando Homero viveu, a civilização cretense já havia desaparecido e o império aqueu-micênico ruína, contudo deixou alguns remanescentes na Ásia.

Homero relata um passado de glórias, servindo-se da guerra de Tróia. As obras *Ilíada* e *Odisséia* não se preocupam em falar do homem ou do universo, mas falam da coletividade ou mais especificamente, do herói que representa o ideal desta fase da história do povo.

Os heróis gregos eram homens especiais que faziam feitos grandiosos, maiores que o comum dos homens, portanto ocupavam um espaço intermediário entre deuses e homens, todavia todos deveriam observar seu lugar no universo, caso contrário, se ousassem ultrapassar o limite permitido pelos deuses a ordem universal estaria em risco. O elemento causador do desequilíbrio era a *hybris*, isto é, o orgulho demasiadamente grande do homem que causava a desordem cósmica e a ordem deveria ser restabelecido para que o cosmo continuasse a existir.

Há de se notar que o senso de medida para o homem grego era essencial, sem a medida de cada elemento dentro do cosmo, tudo estaria sujeito a voltar ao caos inicial.

O herói é visto e apresentado por Homero como peça vital para a harmonia universal.

A poesia épica era vista como ações de heróis, e suas origens remontam à antiguidade.

Efetivamente, os poemas épicos retratam os feitos de homens especiais que representavam as grandes famílias da fase aristocrática.

Remontando à cultura grega, pode-se notar duas ocorrências muito significativas para o conceito de herói - àquela que está presente na epopéia, gênero este surgido por volta do IX antes de Cristo, embora sua origem seja muito anterior, no qual o herói representa as qualidades superiores de um clã, portanto de um grupo aristocrático, diferente assim do comum dos mortais.

Já quando surge a tragédia, IV antes de Cristo, o herói já é um ser cingido, entre os deuses e os homens, que por sua *hybris*, isto é, “uma violência feita a si próprio e aos deuses imortais” (Brandão, Junito de Souza, Petrópolis, Vozes, 1985, p.10) será o elemento que possibilitara sua queda.

Esta figura, o herói terá uma longa trajetória na cultura ocidental e muito se escreverá a respeito dele e das virtudes, de sua importância e transformações durante o desenvolvimento da história da cultura no mundo ocidental.

Segundo Propp, em sua análise do Conto Fantástico Russo, para ter-se um herói, a figura assim nomeada devera seguir o percurso seguinte: ter um dos membros da família que saia de casa; faltar alguma coisa que este membro deseja obter: o que será denominado herói deve também deixar sua casa; este devera se submeter a provas. O herói deverá ser transportado a um lugar onde encontre o objeto que procura. Deve-se defrontar com seu antagonista. O herói receberá uma marca. Em havendo dano inicial, este será reparado. O herói regressa e sua aparência será modificada. Aliam-se a estes dados os ensinamentos de Joseph Campbell na obra *O herói de mil Faces* que, para abarcar o herói em sua complexidade toda, dever-se-ia observar os estágios da separação ou partida, o chamado da aventura, ou os indícios da

vocação do herói; a recusa do chamado ou a temeridade de se fugir do deus; o auxílio sobrenatural. A assistência insuspeita que vem ao encontro daquele que leva a efeito sua aventura. A passagem pelo limiar; a passagem pelo reino da noite e enfim a descoberta de sua verdadeira missão e sua realização.

Buscar-se-á conciliar os pontos da Morfologia do Conto de Fadas e o Herói de mil faces a fim de provar que o Jesus de Saramago tem também dimensão mítica:

“Foi isto pelo meio da tarde, o dia estava bonito, de sol, com umas nuvens muito brancas, esparsas, que vogavam pelo céu fora como barcas que não precisam de governo, José foi desprender o burro. Chamou a mulher e disse-lhe, sem mais explicações, Vou a Séforis buscar o vizinho Ananias, que não pode andar por seu pé. Maria apenas fez um gesto de assentimento com a cabeça, mas Jesus foi para o pai, Posso ir contigo, perguntou. José olhou o filho, pôs-lhe a mão direita sobre a cabeça e disse, Fica em casa, eu vou e não tardo, andando lesto para lá talvez ainda regresse a casa com a luz de dia, e bem poderia ser, pois com sabemos, a distância de Nazaré a Séforis não vai além de uns oito quilômetros, o mesmo que de Jerusalém a Belém, em verdade, digamo-lo uma vez mais, o mundo está cheio de coincidências (ESJC,. 154/5)”

Neste passo tem-se conhecimento da saída de José de casa e nota-se ser ele uma espécie de alter-ego de Jesus, que, nesta passagem, começa a se prenciar o caminho trágico que o próprio Jesus deverá trilhar em breve tempo.

Há o ato de impor a mão direita sobre a cabeça do filho, sinal este, na cultura do povo judeu, indicador da transmissão do poder de comando sobre a família.

Na tradição bíblica e, portanto, também cristã, a mão é o símbolo do poder e da supremacia. Ser alçado pela mão de Deus é receber a manifestação

do espírito. Pode-se mesmo afirmar que começa agora a caminhada de prova, pois com a saída do pai, começa o percurso trágico de Jesus, logo este caminha para realizar sua vocação de herói, pois herói é "aquele que nasce para servir".

Muitas são as acepções do termo *herói*, contudo preferível é aquela que o define como um ser nascido para ser o vicário, isto é, aquele que substitui outro.

A escolha se fez em virtude da figura central do *Evangelho* de Saramago – Jesus Cristo ter traços que o caracterizam como tal. Pensando-se no aparecimento desta figura no plano ficcional: - o herói - pode-se dizer que este ser ficcional tem seu nascimento na Grécia, primeiramente na epopéia e, posteriormente, na tragédia.

O herói, todavia seria sempre um ser especial quer pelo nascimento quer pela existência singular, havia entre o ser denominado herói, uma proximidade grande com os deuses ou por deles descenderem ou por serem objetos de sua ira ou proteção e a existência do herói nunca passará sem, de algum modo, ser percebida pelo comum dos mortais.

Houve uma transição do herói visto na epopéia para o herói do texto trágico e assim diz Jacqueline Romilly, em sua obra *A tragédia grega*:

A passagem do herói épico para o herói trágico aconteceu com o surgimento da tragédia na Grécia.

(...) a tragédia não pode ter nascido a não ser que estas improvisações religiosas, de onde deveria sair se encontrassem encarregues e organizadas por uma autoridade política que se apoiava no povo.

(...) Conta que a primeira representação trágica, atribuída a Sólon, dever-se-ia ao poeta Arion. Ora Arion vivia em Corinto sob o domínio do tirano Periandro (final do século VII - início do século VI a.C.)

(...) Mas a verdadeira tragédia nasce do mesmo modo. Depois destas tentativas hesitantes em diversos pontos do Peloponeso, um belo dia, a tragédia surgiu na Ática: devem ter existido antes umas primeiras tentativas, mas houve um momento inicial: entre 536 a 533 a.C., pela primeira vez, Téspis produziu uma tragédia para a grande festa das Dionisóacas. Ora, era a época em que os tiranos Pisi[istrato, o único que a cidade alguma vez conheceu, reinava em Atenas. (p. 17)

O herói trágico difere, em essência, do herói épico, este representa as qualidades postas neles por seus ancestrais divinos, pois, de algum modo, é a extensão dos deuses entre os homens; aqueles são humanos incompatibilizados ou torturados pelos deuses, estando os mesmos sempre no mundo intermediário, isto é entre deuses e os homens. E serão brinquedos na mão dos deuses que são indiferentes às fragilidades humanas; estão marcados pela hamartia, isto é, a *falha trágica* que haverá de se manifestar para sua perdição.

A falha trágica é consubstanciada pelo orgulho humano em não aceitar seus limites, o *metron*, e neste momento que os heróis adquirem sua real dimensão de terem nascidos para servir, pois seus sacrifícios significam a paz para a *polis*.

Quando fazemos uma aproximação do herói de Saramago, no *Evangelho* nota-se que o autor mostra Jesus mais próximo do herói trágico, pois este ser é aquele que nada pode diante da vontade dos deuses e a seus desígnios se submete.

Na realidade, cada herói de tragédia é o próprio Dioniso visto que todo ser humano nada mais é que um “mascarado” disfarçado no “deus das máscaras”.

E assim, como o próprio Dioniso é o caçador e o que é caçado, o que despedaça e o que é despedaçado, o que mata e o que é morto, o que morre e o que ressuscita, cada ser humano é a expressão desse deus, a personificação dessa tensão entre a vida e a morte, nascimento e decadência, em cima e embaixo, luz e trevas (Édipo - O solucionador de Enigmas - Dethlefsen, Thowald, p.41)

2.1 Trajetória de Jesus

A figura de Jesus Cristo pode sugerir inúmeras possibilidades de análise, já que temos um Jesus mítico e um Jesus histórico. Saramago caminha por estas duas vias, pois, por sua opção política, o mais simples seria fazer apenas a narrativa de Jesus histórico, todavia como afirmara Bastide “não se matam os deuses”. O escritor faz incursão em direção a Jesus mítico.

Ora, Jesus é este ser cambiante, ao longo de toda história ocidental, pois é um mito cristalizado. Por este motivo, preferiu-se tomar, como caminho de análise, a vertente mística em um primeiro momento; contudo é preciso não esquecer que o autor fez opção marxista que, certamente influenciou toda sua produção intelectual, particularmente no *Evangelho Segundo Jesus Cristo*.

Pode-se afirmar que Jesus é um ser trágico e buscar-se-a definir se em sua trajetória de vida, feita pela visão de Saramago, na qual ele é mostrado como um herói trágico ou enfrentando um conflito trágico.

Jesus Cristo viveu em Nazaré “*terra de pouco e de poucos*” (ESJC, pg.29) em uma época que a região toda estava sob o domínio de Roma.

Em o *Evangelho segundo Jesus Cristo*, Saramago mostrará um Jesus dividido entre ser o Rei dos Judeus e o Filho Unigênito de Deus. Este conflito pode ser observado ao longo da narrativa, mas em seu desfecho, Jesus opta, por fim em ser apenas o Rei dos Judeus, conforme fica posto na placa, acima de sua cabeça, escrita pelas próprias mãos de Pôncio Pilatos a pedido de Jesus, que renunciara o título de Filho de Deus, na perspectiva saramagiana.

A trajetória de Jesus e seu pai já estava traçada pelo cruel Jeová que não há de lhes dar trégua em suas vidas a fim de cumprir existências dolorosas para que Jeová tivesse mais consumidores para seu produto, as religiões que exaltariam o Seu Nome

A José faltava a paz que deixou de ter quando fugiu de Belém para salvar seu filho do massacre que Herodes fez sofrer as crianças abaixo de três anos. Método encontrado pelo governante para acabar com a ameaça de surgimento do verdadeiro Rei dos Judeus. Cargo este ocupado por ele que não aceitava ameaças.

José, na tentativa de salvar Ananias, verdadeiramente, buscava se redimir daquela fuga que de tão precipitada, nada fizera para salvar as crianças que foram mortas. Ele pagou por longos anos a culpa de nada ter feito e somente ter pensado no próprio filho.

Não conseguiu salvar o vizinho que estava já muito ferido e próximo da morte quando José dele se aproximou. Ananias pediu que José fosse

embora para não ser preso e crucificado, entretanto, José permaneceu e foi preso e padeceu o sacrifício da crucificação, embora inocente da acusação de rebelado contra a dominação romana, não protestou quando deveria fazê-lo, diante do sargento da tropa dos dominadores a fim de se redimir do pecado da omissão, cometido há tantos anos passados:

“Este é o que se dizia sem culpa, o sargento hesitou um instante, exatamente o instante em que José deveria ter gritado, Estou inocente, inocente, mas não, calou-se, desistiu...” (idem, p. 165)

Como um vitelo fulminado, daqueles que vira sacrificado no Templo, caiu de joelhos e, com as mãos contra o rosto, soltaram-se-lhes as lágrimas. Todas aquelas lágrimas que há treze anos vinha acumulando, a espera do dia em que pudesse perdoar-se a si mesmo ou tivesse de enfrentar a sua definitiva condenação, Deus não perdoa os pecados que manda cometer. (ESJC, p. 161)

O outro passo importante, para que se possa reconhecer o herói, segundo Propp e Campbell, é quando o herói abandona a casa para iniciar sua missão:

Na manhã do segundo dia, Jesus disse a sua mãe - não tenho paz nem descanso nesta casa, fica com os meus irmãos, que eu vou partir. Maria levantou as mãos aos céus, chorosa e escandalizada - Que é isto, que é isto, abandonar um filho primogênito a sua mãe viúva, onde é que já se viu, adeus mundo cada vez pior, e porquê, porquê, se esta é a tua casa e a tua família, como vamos nós viver se aqui não estás... (ESJC, p. 192)

Na seqüência de sua saída,, Jesus encontrará o Pastor e com ele muito irá aprender e é por esta ocasião que será transportado até uma região no interior do deserto, quando acontecerá sua mais atroz experiência e prova – o encontro com Jeová.

Lá teve de sacrificar a ovelha que fora buscar porque a mesma se desgarrara do rebanho, esta mesma ovelha era aquela que Jesus se recusara a sacrificar no Templo, por achar uma insensatez tantos sacrifícios inúteis feitos apenas para a satisfação de um Deus insaciável em sua sede de sangue:

Como é possível, Eu sou o Senhor, e ao Senhor nada é impossível. Mas esta é a minha ovelha. Outra vez te enganas, o cordeiro era meu e tu tiraste-mo, agora a ovelha paga a dívida. Seja como queres, o mundo todo pertence-te e eu sou teu servo, Sacrifica então, ou não haverá aliança, Mas vê, Senhor, que eu estou nu, não tenho cutelo nem faca, estas palavras disse-as Jesus cheio de esperança de poder ainda salvar a vida da ovelha, e Deus respondeu-lhe, Não seria eu Senhor se não poder resolver-t essa dificuldade, aí tens. Palavras não eram ditas, apareceu aos pés de Jesus um cutelo novo, Vá, despacha-te, tenho mais o que fazer, disse Deus, não posso ficar aqui eternamente, Jesus empunhou o cutelo, avançou para a ovelha que levantava a cabeça, hesitante em reconhecê-lo, pois nunca o tinha visto nu, e, como é por demais sabido, o olfato destes animais não vale grande coisa. Estás a chorar, perguntou Deus, tenho os olhos sempre assim, disse Jesus. O cutelo subiu tomou o ângulo do golpe, e caiu velozmente como o machado das execuções ou a guilhotina que ainda falta inventar. A ovelha não soltou um som, apenas se ouviu, Aaaah, era Deus suspirando de satisfação. Jesus perguntou, E agora, posso ir embora, Podes, e não se esqueças, a partir de hoje pertences-me, pelo sangue. Como devo ir-me de ti, Em princípio, tanto faz, para mim não há frente nem costas, mas o costume é ir recuando e fazendo vênias, Senhor, Que enfadonho és homem, que temos mais agora, O pastor do rebanho, Que pastor, O que anda comigo, Quê, É um anjo, ou um demônio, É alguém que eu conheço, Mas diz-me, é um anjo, é demônio. Já to disse, para Deus não há frente nem costas, passa bem. “A coluna de fumo estava e deixou de estar, a ovelha desaparecera, só o sangue ainda se percebia, e esse procurava esconder-se na terra” (ESJC, p. 254)

Vê-se nesta passagem a prova, o pacto e ainda se percebe a figura de um Deus desligado de qualquer preocupação com os seres vivos, e por ele criada, que buscava somente seu prazer cruel, sem sentido, vazio, insensível, incapaz de responder a uma simples pergunta feita por Jesus e, certamente,

por quase toda a humanidade sobre se o anjo que caiu dos Céus, tornou-se um demônio, sendo que os anjos e demônios são personificações do bem e do mal, sendo que isto parece ser a visão de Deus de Saramago, mostrando este ser indiferente aos valores humanos, pois bem e mal são faces de sua existência e essência.

Saramago é contundente em sua abordagem de Deus, não dando trégua e nem razão, nem para os sentimentos para que este Deus seja amado pelos homens ou mesmo respeitado. Diante de tal Deus, talvez a fala de Camões seja bem vinda:

No mar, tantas tormentas e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida;
Na terra, tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne os Céus sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?
(Os Lusíadas, Canto I; oitava 106)

Chega-se, finalmente, no enfrentamento entre Jesus e o Pastor. Neste momento tem-se o seguinte diálogo que encerraria a primeira parte do percurso do herói:

Quando Jesus chegou ao campo, o Pastor olhou-o fixamente e perguntou, A ovelha, e ele respondeu, Encontrei Deus, Não te perguntei se encontraste Deus, perguntei-te se achaste a ovelha, Sacrifiquei-a, Porquê Deus estava lá, teve de ser. Com a ponta do cajado, o Pastor fez um risco no chão, fundo como rego de arado, intransponível como uma vala de fog, depois disse, Não aprendeste nada, vai. (ESJC, p. 264/5)

Observa-se aí a constatação e o encerramento do percurso em direção do mítico, do divino, do transcendente, nem Deus nem o Diabo – Pastor (sendo este aquele que tentou ensinar a Jesus mais sobre o ser humano) e ambos, não conseguiram lhe dar as respostas por ele buscadas, contudo, indicam que o caminho para as respostas queridas pelo homem estão no próprio homem e não nos deuses, embora, segundo Bastide “não podemos matar os deuses” estes não satisfazem nossos anseios.

Jesus, realmente, não aprendera nada, pois como ser humano que era somente com o humano poderia aprender. Tivera um encontro com Deus e caminhara com o Diabo, com o primeiro nada aprendera de sua essência divina, pois Deus estava além dele e fora dele; com o segundo, mais humano, porque imperfeito, pouco assimilara e agora Jesus teria que prosseguir em sua busca de respostas para o vazio de uma existência sem respostas.

Aos sair do seu encontro com Deus, recebeu uma marca: seus pés sangravam, e mais uma vez o símbolo deste Deus cruel se faz presente na “dádiva” por ele deixada no corpo de Jesus, os pés que sangravam profusamente:

Deus, que tão limpamente fizera desaparecer a ovelha, não o beneficiara, de dentro da nuvem, com a graça do seu divino cuspo, para que o mortificado Jesus pudesse, com ele, untar e sarar as feridas por onde o sangue continuava a manar, brilhando sobre as pedras. (ESJC, p. 267)

Um elemento marcante e sempre presente, ao longo da narrativa, é o sangue, há o desejo de que ele seja derramado pela glória de Deus e sofrimento dos seres vivos, pois Deus a todos e tudo desconhece, pois está sempre preso em uma nuvem que o separa do vivo e humano, pois este tem o

animus (= sangue) que ele não tem e talvez, inveje; por este motivo, mostra satisfação em vê-lo correr. O criador inveja a própria criatura, feita por Ele, contudo maior que Ele na capacidade de sofrer.

Este trágico herói, Jesus, caminha muito, caminha até chegar a certa região;... e passando ele pela cidade de Magdala, se lhe rebentasse ali, do pé, uma ferida que andava renitente a sarar, e em tal jeito que parecia o sangue não querer entancar-se. Também quis o destino que o perigoso acidente tivesse ocorrido à saída de Magdala, mesmo em frente, por assim dizer à porta. De uma casa que ali havia, afastada das outras, como se não quisesse aproximar-se delas, ou elas a repelissem. Vendo que o sangue não dava mostras de querer parar, Jesus chamou - ò de dentro, disse, e, ato contínuo, uma mulher apareceu à porta, como se justamente estivesse à espera que a chamassem, embora, por um leve ar de surpresa que começou por aparecer-lhe na cara, pudéssemos ser levados a pensar que estaria antes habituada a que lhe entrassem pela casa dentro, sem bater, o que, se bem considerarmos as coisas, teria menos razão de ser que em outro qualquer caso, pois esta mulher é uma prostituta e o respeito que deve à sua profissão que feche a porta de casa quando recebe um cliente. Jesus que estava no chão, comprimindo a desatada ferida, olhou de relance a mulher que se lhe acercava. Ajuda-me, disse, e, tendo segurado a mão que ela lhe estendia, conseguiu pôr-se de pé e dar uns passos, coxeando. Não estás em estado de andar, disse ela, entra que eu trato-te dessa ferida. Jesus não disse nem sim nem não, o odor da mulher entontecia-o, a ponto de ter-lhe desaparecido, de um momento para o outro, a dor que lhe dera ao abrir-se a chaga, e agora, com o braço por cima dos ombros dela e sentindo a sua própria cintura cingida por outro que, evidentemente, não podia ser seu, apercebeu-se do tumulto que se trespassava o corpo em todas as direções, se não fosse mais exacto dizer sentidos, porque neles, ou em um que tem esse nome, mas que não é o ver nem o ouvir nem o cheirar nem o gostar nem o tocar, podendo, no entanto, levar de cada um deles uma parte, aí é que bater tudo, salvo seja. A mulher ajudou-o a entrar para o pátio, trancou a porta e fê-lo sentar-se. Espera, disse. Foi dentro e voltou com a bacia de barro e um pano branco. Encheu de água a bacia, molhou o pano e, ajoelhando-se aos pés de Jesus, sustentando na palma da mão esquerda o pé ferido, lavou-o cuidadosamente, limpando-o de terra, amaciando a crosta estalada através da qual surdia, com o sangue, uma matéria amarela, purulenta de mau aspecto. (ESJC, p. 275/6)

No quadro que o excerto acima traz, tem-se simbolizados todos os elementos caracterizadores do homem Jesus e de sua futura paixão: a ferida

que sangra e não estanca, a mulher que estará presente em todos os tranSES de sua vida e morte; a vasilha de barro, representando a fragilidade humana que pelo menor esforço pode se partir, a água, simbolizadora da vida, o pano branco que após sua morte servirá de mortalha e o gesto feito por Madalena de ajoelhar-se e cuidar de suas feridas.

O herói, finalmente, encontrou na figura humana de Madalena as respostas tão arduamente buscadas e encontradas somente na pessoa de Madalena, a pecadora, esta dará a Jesus as respostas consoladoras e humanas e, deste modo, o narrador anula a idéia de pecado carnal, pois o homem é carne e somente pela carne será feito seu resgate.

Observa-se, que é neste momento que se tem um herói trágico moderno, uma vez que as dúvidas de Cristo são mais pessoais que coletivas. Jesus está buscando achar sua verdadeira identidade em meio a busca de sua missão, entretanto esta é impossível de se cumprir antes ele não saber bem quem ele é. Realmente.

A este Jesus, certamente a teoria do dialogismo de Bakhtin bem se aplicaria, pois Jesus é um herói trágico ao mesmo tempo em que um ser humano perdido em suas dúvidas, pois é homem e Deus, concomitantemente, partição esta sim trágica.

A resposta para suas dúvidas não está nem em Javé ou Jeová, nem no Diabo, pois ambos estão nele e por ele foram criados, a angústia existencial está no homem e não fora dele, Jesus representa o discurso sagrado e ao mesmo tempo o discurso humano, colocados no mesmo ser, vindo daí sua angústia. A busca de significação para a vida é o grande drama de todos os seres humanos.

Segundo o entender de um segmento da crítica literária contemporânea, a tragédia clássica já teve seu momento específico: - o mundo ático- e, a partir deste, houve uma evolução do teor do que se compreende por trágico, pois este gênero, como qualquer criação humana sofreu um processo natural de transformação, assim:

Os estudiosos de teatro, especificamente aqueles que se concentram na avaliação da tragédia grega e de sua trajetória até a modernidade, têm procurado mostrar, de um lado, a sua transformação evolutiva para a tragédia moderna, constando a sua presença e, de outro lado, o aparecimento de uma nova espécie dramática, o drama, na sua evolução do drama burguês para o drama moderno, reavaliando o conceito antropológico e filosófico do trágico para o dramático” (DiaCRONIA: (Ensaio: língua e literatura/ Lílian Lopondo e Sousa Maria O. Bastos), p.133)

2.2 O aprendizado do herói humanizado

Assim fala o narrador do “O Evangelho segundo Jesus Cristo”:

Dizem os entendidos nas regras de bem contar contos que os encontros decisivos, tal como sucedeu na vida, deverão vir entremeados e entrecruzar-se com mil outros de pouca ou nula importância, a fim de que o herói da história não se veja transformado em um ser de exceção a quem tudo poderá acontecer na vida, salvo vulgaridade. E também dizem que é esse o processo narrativo que melhor serve o sempre desejado efeito de verossimilhança, pois o episódio imaginado e descrito não é nem poderá tornar-se nunca em facto, em dado da realidade, e nela tomar lugar, ao menos que seja capaz de parecer, não como o relato presente, em que de modo tão manifesto se abusou da confiança do leitor. (ESJC, p. 222)

O narrador fala do herói, da verossimilhança como dados tipificadores da figura de Jesus nesta sua jornada de humanização, o processo começa quando Jesus descobre o amor por meio de Maria de Magdala, mulher que é tratada como prostituta, contudo é ela que dá ao herói a maior e melhor lição de humanidade:

Então Jesus voltou lentamente o rosto para ela e disse, Não conheço mulher. Maria segura-lhe as mãos. Assim temos de começar todos, homens que não conheciam mulher, mulheres que não conheciam homem, um dia o que sabia ensinou, o que não sabia aprendeu, Queres tu ensinar-me, Para que tenhas de agradecer-me outra vez. Dessa maneira, nunca acabarei de agradecer-te. E eu nunca acabarei de ensinar-te. Maria levantou-se, foi trancar a porta do pátio, mas primeiro dependurou qualquer coisa do lado de fora, sinal que seria de entendimento, para os clientes que viessem por ela, de que se havia cerrado a sua fresta porque chegara a hora de cantar. (ESJC,p.281)

Nota-se, neste excerto, a iniciação de Jesus nos mistérios do amor; pode-se dizer que é a partir daí que os outros ensinamentos vão sendo assimilados por Jesus, pois, finalmente, sua humanidade se revela de modo pleno.

Jesus ao regressar à casa paterna e dá notícias à família de seu encontro com Deus no deserto, todavia a mãe e um irmão não dão crédito às suas palavras, duvidando dele, o que o fará abandonar para sempre a casa de seus pais.

É significativo notar que o autor parece inverter o mito grego da criação da mulher, pois a mulher fora, no mito grego, dada ao homem como castigo, uma vez que o homem agora também tinha o fogo, pois Prometeu trouxera o mesmo do Olimpo e dera aos homens, tornando-os menos dependentes dos deuses.

Zeus, o supremo, castiga Prometeu, mas também castiga o homem, dando-lhe Pandora que é portadora de felicidade e também de todos os infortúnios de que padece a humanidade até hoje.

Saramago, ao contrário, faz com que a mulher seja o elemento primeiro do processo de descoberta da humanidade da criatura e assim começa o caminho para a compreensão de Jesus de sua natureza e essência.

Maria de Magdala também abandona a prostituição para ser aquela que acompanhará Jesus a partir de agora, e importante é a queima da casa de Maria, feita como símbolo de purificação, já que este era o processo utilizado no Templo – queimar no altar todos os pecados.

Jesus e Maria de Magdala tiveram por altar a cama na qual Jesus é iniciado nos mistérios do amor o que lhe possibilitará reconhecer sua humanidade e seu compromisso com o ser humano. Jesus dá início a seu ministério:

A partir de seu descobrimento como ser humano e não divino, Jesus tem também nova profissão – tornou-se pescador. Gostava de sentar-se na margem a olhar a manobra dos pescadores, alguma vez, em pequeno, veio a estas paragens, acompanhando os pais, mas nunca se detivera a olhar com atenção a faina destes homens que deixam atrás de si todos os cheiros de peixe, como se eles próprios fossem habitantes do mar. Enquanto por ali andou, Jesus ganhou o sustento ajudando no que sabia, que era nada, e no que podia, que era pouco, puxar um barco para a terra ou empurrá-lo para a água, dar uma mão a uma rede que transbordava, os pescadores viam-lhe a cara de necessidade e davam-lhe dois ou três peixes espinhosos, chamados tilápias, como salário. Ao princípio tímido, Jesus ia assá-los e comê-los à parte, mas, tendo-se demorado por ali três dias, logo no segundo o quiseram chamar os pescadores para que com eles arranchasse. E no último dia já Jesus foi ao mar, na barca de dois irmãos que se chamavam Simão e André, mais velhos do que ele, nenhum dos dois tinha menos de trinta anos. No meio das águas, Jesus, sem experiência do ofício, ele próprio rindo da sua falta de habilidade, atreveu-se, incitado pelos seus novos amigos, a lançar a rede, naquele largo gesto que, olhando de longe, se parece com

uma bênção ou um desafio, sem outro resultado que quase ter caído à água de uma das vezes em que o tentou. Simão e André riram muito, já sabiam que Jesus só percebia de cabras e ovelhas, e Simão disse, Melhor vida seria a nossa se este outro gado se deixasse levar e trazer, e Jesus respondeu, Pelo menos não se perdem, não se tresmalham, estão aqui todos na concha do mar, todos os dias a fugir da rede, todos os dias a cair nela. A pesca não tinha sido frutuosa, o fundo do barco estava pouco menos que vazio, e André disse, Mano, vamos para casa, que este dia já deu o que tinha de dar. Simão assentiu, Tens razão, mano, vamos lá. Enfiou os remos nos toletes e ia dar a primeira das remadas que os levariam à margem, quando Jesus, não creíamos que por inspiração ou pressentimento de marca maior, foi um modo, apenas, ainda que inexplicável, de demonstrar a sua gratidão, propôs que se fizessem três últimas tentativas, Quem sabe se o rebanho dos peixes, conduzido pelo seu pastor, terá vindo cá para o nosso lado. Simão riu. Essa é a outra vantagem que têm as ovelhas, poderem ser vistas, e para André, Lança lá a rede, se não se ganha e também não se perde, e André lançou a rede e a rede veio cheia. Arregalaram-se de espanto os olhos dos dois pescadores, mas o assombro transformou-se em portento e maravilha quando a rede, lançada mais uma vez e outra ainda, voltou cheia duas vezes. De um mar que tão deserto de pescado antes parecera, como a água duma infusa posta à boca da fonte límpida, saía, como nunca vista profusão, torrentes luzidias de guelras, dorsos e barbatanas em que a vista se confundia. Perguntaram Simão e André como soubera ele que o peixe ali chegara de um momento para o outro, que olhar de lince se apercebera do movimento profundo das águas, e Jesus respondeu que não, que não sabia, fora apenas uma idéia, experimentar a sorte uma última vez antes de regressarem. Não tinham os dois irmãos motivos para duvidar, o acaso faz destes e outros milagres, mas Jesus, dentro de si, estremeceu, e no silêncio da sua alma perguntou, Quem fez isto. (ESJC, p.273?5)

Vê-se, neste passo, Jesus, tornou-se pescador e não mais carpinteiro, profissão que herdara do pai. E parece ter Jesus encontrado novo alento e felicidade, tipicamente humanas para existir, longe da opressão que, até então, fora constante em sua existência.

O narrador novamente faz uma leitura diferente dos outros evangelistas, pois neste evangelho, são os pescadores que chamam Jesus para sua companhia e não como os evangelistas canônicos relatam que Jesus

é quem chama a Pedro para segui-lo, após o grande número de peixes por Simão e Pedro pescados, sendo este um dos primeiros milagres, entretanto recebido por Jesus com reserva e pelos homens como uma dádiva que serviria para seu sustendo, já que o peixe era a parte mais importante do dieta alimentar da região. O pastor de ovelhas que fora Jesus também se mostra um grande conhecedor dos segredos do mar.

Nota-se que O Messias é realmente feliz quando trabalha junto com os homens simples, sem preocupações transcendentais, mas que vivem o cotidiano sem maiores pretensões, o milagre que desejam é um bom resultado, fruto de seu trabalho nada transcendental – ter um barco cheio de peixes, após uma labuta árdua.

Jesus se mostra integrado a este meio e dele retira o seu quinhão de vida simples, contudo plena de satisfação; não há angústias, sonhos ou premunições ele é apenas Jesus, o amigo dos pescadores, percebe-se a opção de Jesus pelo lado humano e tão somente humano de sua existência tão atribulada pela desconfiança de ser o ungido.

Entretanto, Jesus acaba fazendo milagres e estes começam a lhe tirar a paz de espírito, ora os milagres servem para os planos divinos de Jeová, mas não servem para a realização do humano Jesus.

Toda ocorrência miraculosa, realizada por Cristo, vai se mostrar totalmente vazia de significação ou até mesmo prejudicial para os seres humanos e, conseqüentemente para o próprio Jesus.

Quando do relato da morte de Lázaro:

Jesus, olhando o corpo abandonado pela alma, estenda para que os braços, como o caminho por onde ela há de regressar, e diga, Lázaro, levanta-te, e Lázaro levantar-se-á porque Deus o quis, mas é neste instante, em verdade última e derradeira, que Maria de Magdala põe uma mão no ombro de Jesus e diz, Ninguém na vida teve tantos pecados que mereça morrer duas vezes, então Jesus deixou cair os braços e saiu para chorar. (ESJC, p.428)

Tem-se, nesta passagem, mais um aprendizado feito por Jesus, através da figura de Maria de Magdala, pois sendo Lázaro mortal, este já tinha cumprido sua jornada terrestre e o melhor era que assim permanecesse, pois nada adiantaria a ressurreição se, um dia, novamente deveria encontrar a morte, já que sendo homem e não deus, era mortal como toda criatura humana e a imortalidade é um atributo somente de deuses; estes estão condenados a para sempre a existência.

Diante do percurso feito por Jesus, vem a pergunta: - seria Cristo um herói em moldes clássico grego ou seria um herói com a marca do moderno ?

Pois para muitos teóricos modernos,, como diz Eric Bentley em sua obra *O Dramaturgo com pensador*:

Se, por outro lado, perguntarmos aos especialistas, dirão que a grande tragédia desapareceu com a sociedade aristocrática e que as sociedades democráticas e de classe média não possuem o sentido do trágico. A tragédia, dizem, mostra a estatura heróica do homem e a justiça dos deuses...

Assim é necessário considerar a possibilidade de modernizar-se o conceito de herói, pois o fato literário é condicionado pelo tempo e pelo espaço, e Saramago escreve nos dias de hoje para os homens de hoje.

O evento literário, sendo feito pelo homem dentro de um momento histórico, sendo condicionado pela cultura do seu tempo e de seu povo, tudo isto estará refletido na tessitura de seu discurso. É impossível o agente criador da ficção expurgar todos os traços do momento por ele vivido, mesmo que desejar assim fazê-lo, por mais policiado que seja, sempre sobrar um traço denunciador da sua época e de seu momento histórico, já que a literatura é plasmada pelo discurso e este é sempre atual, vivo e inconfundível, portanto seria útil para o processo de análise presente, usar-se um pouco o conceito de cronotopo, desenvolvida por Bakhtin

2.3 Cronotopo

Sendo uma narrativa romanesca, é importante que se analise em *O evangelho segundo Jesus Cristo* outros elementos da narrativa, e não somente o herói trágico, principal eixo deste trabalho. Todavia, procurou-se situar a personagem Jesus em seu tempo e espaço, ou seja, o cronotopo.

Bakhtin assim definiu o cronotopo:

A interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas em literatura, chamaremos cronotopo (que significa tempo-espaço).

Este termo é empregado nas ciências matemáticas e foi introduzido e fundamentado com base na teoria da relatividade de Einstein:

No cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. Os indícios do tempo transparecem no espaço e o espaço reveste-se de sentido com o tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão dos sinais caracterizam o cronotopo artístico (Bakhtin, *Questões de Literatura e de Estética*, p. 211).

A apreensão do tempo e espaço no romance permitiu também identificar o ritmo da narrativa: ele é bastante lento nos momentos de maior tragicidade nos eventos importantes da vida de Jesus, tais como, a sua concepção, nascimento, a anunciação, a fuga empreendida pela família, que o salvou da morte, ordenada por Herodes e, por último a sua prisão e desaparecimento da terra; enquanto que a narrativa torna-se rápida, apresentando várias anacronias, no que concerne a apresentação dos dados biográficos de Jesus, ou seja, sua aprendizagem religiosa, profissional e a sua missão de líder de seus contemporâneos...

Em *Discurso da narrativa: ensaio de método*, Gerard Genette identificou que em uma narrativa há sempre duas temporalidades: “o tempo da coisa contada (tempo da história) e o tempo da narrativa (tempo do significado e tempo do significante).” (1979, p.31)

Ainda segundo o autor citado, a ordem temporal pode ser captada pela sucessão dos acontecimentos na diegese, ou seja, “o universo do

significado, o mundo possível que enquadra, valida e confere inteligibilidade a história” (Dicionário de Teoria da Narrativa, Carlos Reis e Ana Cristina M Lopes, p.26)..., ou, há ainda, a ordem pseudo-temporal da distribuição dos eventos durante a narrativa. A história do Jesus saramaguiano, pode ser considerada linear, semelhante à narrativa de outros evangelistas, principalmente Lucas, isto é tem-se o começo, meio e fim.

Há, contudo, algumas anacronias, criadas pelas antecipações de fatos futuros que oportunamente se sucederão na vida do herói. Tais intervenções, denominadas de prolepses por Genette, são utilizadas pelo narrador irônico da obra, como inferências críticas, ou mesmo, atualizações a respeito do episódio que esteja mencionando. É preciso dizer também que Saramago permitiu-se uma inversão temporal, no que diz respeito à crucificação da personagem, pois ele se ocupa do dado por duas vezes: uma, no início do romance e, a outra, no final. A diferença entre elas parece que é a seguinte: na crucificação apresentada no primeiro capítulo, Saramago descreveu a cena a partir da pintura de Dürer, pintor renascentista; enquanto que a cena da crucificação apresentada no último capítulo apresentou maior realismo e coerência com a versão dos evangelhos canônicos porque o meio é a escrita e o escritor identifica este caminho como mais adequado e flexível para falar da condição humana

”Para este artista, a pintura (esta pintura) é escassa como procedimento de representação; e a de que pela palavra narrativa se pode atingir uma plenitude e um rigor de representação arduamente perseguidos” *Reis, p, 21)

O autor já afirmou que para sua visão, pintar e escrever se assemelham e se diferenciam:

“Brinco com as palavras como se usasse as cores e as misturasse ainda na paleta. Brinco com estas coisas acontecidas, ao procurar palavras que as relatem mesmo só aproximadamente” (Carlos Reis, p. 24)

2.4 A concepção

A biografia de Jesus inicia-se no momento singular de sua concepção, como é comum aos heróis trágicos. Exemplificando, ao nascer, Édipo teve seu destino profetizado pelo oráculo de Apolo. Saramago optou por relatar o acontecimento por meio de descrições do espaço, quer do interior da residência do casal, quer da natureza; de ações minuciosas empreendidas por José, e imprecisões na marcação do tempo, com o objetivo de imprimir lentidão à narrativa, como é possível perceber:

“A noite ainda tem muito para durar. A candeia de azeite, dependurada de um prego ao lado da porta, está acesa, mas a chama, como uma pequena amêndoa luminosa pairando, mal consegue, trêmula, instável, sustar a massa escura que a rodeia e enche de cima a baixo a casa, até aos últimos recantos, lá onde as trevas de tão espessas, parecem ter-se tornado sólidas.”¹

Não há precisão da data de concepção de Jesus, apenas o narrador prediz que será bem longa esta noite, iluminada pela chama tênue de uma lamparina. Feita essa descrição do tempo e espaço, José acordou, tendo a

¹ Procurou-se utilizar a ortografia portuguesa original da obra, cuja edição é a seguinte: SARAMAGO, José. *O evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

sensação de que alguém lhe sacudia os ombros. Sem uma explicação convincente para o fato, pois costumava ser acordado pela luz solar, que sempre entrava pela frincha da porta do aposento que dividia com a esposa, ele iniciou o ritual cotidiano do despertar, ou seja, as bênçãos: *“Graças te dou, Senhor, nosso Deus, rei do universo, que pelo poder da tua misericórdia, assim me restituis, viva e constante, a minha alma.”* (p. 22)

O discurso bíblico, no qual Deus é responsabilizado pelo milagre de a alma voltar ao corpo humano, no momento em que ocorre o ato cotidiano de despertar, não encontrou a mesma correspondência no narrador do fato. Primeiro, o narrador irônico, utilizou o advérbio “talvez”, indicando que se tal fato era verdadeiro, a alma não regressara ainda ao corpo, uma vez que José não se encontrava de todo desperto.

A segunda intervenção do narrador, já materializou a dúvida de José, pois esse procurou dados concretos da entrada de sua alma, em seu corpo. Quando seu olhar voltou-se para o lado, deparando com a presença de sua esposa, nova dedução tomou o espírito do marido: Maria era um corpo sem alma, se não, qual era o motivo de se recitar a bênção diariamente? Por última constatação, e desta vez, o narrador recorreu ao discurso direto da personagem: *“– O que é que em nós sonha o que sonhamos, Porventura os sonhos são lembranças que a alma tem do corpo”* (p. 22), para mostrar que o futuro pai adotara o ponto de vista de que a prece era verdadeira, e, desta forma, Deus estivera onipresente nesse dia especial, o da concepção de Jesus e possivelmente tocara José, incitando-o a acordar.

Enquanto imaginava que a mulher estava sem a alma cristã, que aos dois fora concedido, ele a sentiu mais carnal, ousadia que ela não teria acordada: aconchegou-se ao marido, que imediatamente sentiu-lhe o calor e os odores corporais. O sono chegou-lhe novamente, não se pode precisar a duração do tempo, assim como há imprecisão nos contornos da manhã, conforme a descrição a seguir:

“Só tornou a acordar quando o galo cantou. A frincha da porta deixava passar uma cor grisalha e imprecisa, de aguada suja. O tempo, usando de paciência, contentara-se com esperar que se cansassem as forças da noite e agora estava a preparar o campo para a manhã chegar ao mundo, como ontem e sempre, em verdade não estamos naqueles dias fabulosos em quem o sol, a quem já tanto devíamos, levou a benevolência ao ponto de deter, sobre Gabaon, a sua viagem, assim dando a Josué tempo de vencer, com todos os vagares, os cinco reis que lhe cercavam a cidade. (p. 23)

“José ouviu o segundo canto do galo, antes de se levantar. Tal canto, lembrou-lhe ainda que faltava completar a oração matinal: “Louvado sejas tu, Senhor, nosso Deus, rei do universo, que deste ao galo inteligência para distinguir o dia da noite” (p. 23).

Segundo a Bíblia, a menção aos galos é feita no momento de traição de Pedro.

Entretanto, José não identificou, como era de costume, o terceiro canto do galo, ou seja, o canto-resposta emitido pelos outros galos da vizinhança. A explicação desta ausência foi dada pelo narrador: “mas hoje ficaram calados, como se para eles a noite ainda não tivesse terminado ou mal tivesse começado.” (p. 23) A esposa também comportava-se de modo estranho, constatou o marido, pois ela costumava despertar ao menor ruído. Além disso, o consorte percebera

“uma força exterior” pairando sob Maria e a descrição feita pelo narrador antecipou, de alguma maneira, o momento da cópula, ao criar a metáfora da água de um tanque movimentando-se, impelida pelo vento:

Era como se uma força exterior, descendo, ou pairando, sobre Maria, lhe comprimisse o corpo contra o solo, porém não tanto que a imobilizasse por completo, notava-se mesmo, apesar da penumbra, que a percorriam súbitos estremecimentos, como a água de um tanque tocada pelo vento. (p. 23)

Enquanto José inquiria-se a respeito da possibilidade de ela estar doente, levantou-se a fim de aliviar-se de suas necessidades físicas no pátio da casa, perto da estrebaria. Após o ato de micção, proferiu a sua terceira louvação do dia:

José aproximou-se da talha das abluções, inclinou-a, fez correr a água sobre as mãos, e depois, enquanto as enxugava na própria túnica, louvou a Deus por, em sua sabedoria infinita, ter formado e criado no homem os orifícios e vasos que lhe são necessários à vida, que se um deles se fechasse ou abrisse, não devendo, certa teria o homem a sua morte. (p. 24)

Logo em seguida, ele constatou um fenômeno atmosférico que nunca presenciara, em toda a sua vida: não havia nenhum indício do nascer do dia, pois nem um tom róseo poderia ser avistado no horizonte, ao contrário, tudo estava escuro. José lembrou-se de que alguns homens velhos revelaram, em conversas, alguns fenômenos celestes que eram “mostras do poder de Deus”, tais como: arcos-íris, escadas ligando o céu a terra. Outra constatação do marceneiro era a ausência de ruídos, tanto os emitidos pelos animais, como pelos humanos. Neste instante, ele sentiu temor, imaginando que o mundo estava se acabando e que Deus o fizera a única testemunha do fato.

Pouco a pouco, porém o céu começou a apresentar mudanças na sua cor e configuração, permitindo que Saramago não economizasse tintas na descrição que se seguirá, na qual é possível observar a degradando das cores:

Então, o céu começou a mudar. Pouco a pouco, quase sem perceber-se, o violeta tingia-se e deixava-se penetrar de rosa-pálido na face interior do tecto de nuvens, avermelhando-se depois, até desaparecer, estava ali e deixava de estar, e de súbito o espaço explodiu num vento luminoso, multiplicou-se em lanças de ouro, ferindo em cheio e trespassando as nuvens, que, sem saber-se por que nem quando, haviam crescido, tornadas formidáveis, barcas gigantescas arvorando incandescentes velas e vogando num céu enfim liberto. (p.25)

A reação de José foi proferir nova louvação a Deus, primeiro, por ter Ele permitido que ele fosse a única testemunha do fato e, em segundo lugar pelo quadro majestoso que se criara no céu. Desta vez, Saramago transcreve uma louvação, mas desta vez de forma sumária, utilizando os pronomes demonstrativos: “Louvado sejas tu, Senhor, por isto, por aquilo, por aqueloutro.” (pp.25-6)

A manhã agora se formara e a luz da lamparina, até então, a única iluminação, fora substituída pela claridade celeste. Saramago criou novas imagens para representar o céu:

A manhã subia, expandia-se, e em verdade era uma visão insuportável, duas mãos imensas soltando aos ares e ao vôo uma cintilante e imensa ave-do-paraíso, desdobrando um radioso leque a roda de mil olhos da cauda do pavão- real, fazendo cantar perto, simplesmente, um pássaro sem nome. (p. 26)

Na descrição acima, o autor substituiu o canto do galo, o anunciador da manhã, por um pássaro sem nome.

Algo estranho aconteceu: um sopro de vento começou a circular pelo corpo de José, sacudindo-lhe as barbas e a túnica. O narrador não confirma se o fenômeno, que aparecerá posteriormente na metamorfose do mendigo em anjo, no capítulo da Anunciação, pode ser considerado obra do Criador, uma espécie de sopro divino. Confuso, José atribui o fato à turbulência de seu sangue, exigindo a necessidade de sua mulher.

Entrou em casa e aproximou-se dela, afastando o lençol que a cobria. Identificando o ritual, Maria, sabedora de seus deveres matrimoniais, facilitou o encontro de seus corpos. Neste momento, Deus, segundo o narrador, afastara-se dali, pois não podia ver o ato sexual: *“a pele de um tocava a pele do outro, como a carne dele penetrou a carne dela, criadas uma e outra para isso mesmo”* (p.27). Nem mesmo devia estar presente, quando *“a semente sagrada de José se derramou no sagrado interior de Maria”* (p.27), tal como a fonte e a taça da vida.

Após emitir um som agônico, José finalizou o ato, levantando-se para agradecer por ele, ao Senhor: *“Louvado sejas tu, Senhor, nosso Deus, rei do universo, por não me teres feito mulher.”* (p. 27). Maria também fez a sua louvação, bem diferente da marido: *Louvado sejas tu, Senhor, que me fizeste conforme a tua vontade.”* (p.27). O narrador saramaguiano, contudo, fez nova inferência, permitindo que a louvação fosse interpretada de nova maneira, substituindo o “conforme a sua vontade”, ou seja, uma pessoa do sexo feminino, por “escrava do Senhor”. Maria levantou-se e deu início as atividades do seu dia.

Podemos dizer que a figura de José e Maria é apresentada como os protótipos de judeus cumpridores da Lei. Nada fazem que não esteja respaldado nos preceitos da lei judaica, por este motivo não conseguimos perceber vida em suas vidas.

José entrou, vinha com uma expressão interrogativa, uma mirada perplexa e desconfiada que tentava disfarçar movendo-se com vagares e solenidade de patriarca que não lhe assentavam bem, sendo tão jovem. Discretamente, fazendo por não dar nas vistas, foi espreitar a tigela, a terra luminosa, compondo na cara um ar de cepticismo irônico, porém, se era uma demonstração de varonia o que pretendia, não lhe valeu a pena, Maria tinha os olhos baixos, estava ausente. José, com um pauzito, remexeu a terra, intrigado por vê-la escurecer quando a movia e depois retomar o brilho, sobre a luz constante, como mortiça, serpenteavam rápidas cintilações, Não compreendo, decerto há um mistério nisto, então a terra trazia-a já ele consigo e tu julgaste que a apanhou do chão, são embelegos de mágico, ninguém viu nunca brilhar a terra de Nazaré. Maria não respondeu, comia o pouco que lhe restara das lentilhas com cebola e das papas de grão de bico, acompanhando-as com um pedaço de pão untado em azeite. Ao parti-lo, dissera como está escrito na lei, porém no tom modesto que convém à mulher, Louvado sejas tu, Adonai, nosso Deus, rei do universo, que fazes sair o pão da terra (Evangelho, p. 35).

O excerto dá a medida da sujeição total do casal, José e Maria, que mesmo em ações triviais, buscavam se pautar pela lei, ora temos neste passo duas conseqüências: a ridícula figura que faz José, por ter um comportamento incompatível com sua idade e a total falta de significação da prece de Maria

que a fazia por ser preceito religioso, sem que possamos ter a impressão de verdade de sentimentos; o narrador explora, de maneira contundente, a ausência de naturalidade de ambos. Mesmo quando narrado o encontro íntimo do casal para gerar Jesus, observamos esta mesma ausência de vontade, como se tudo fosse feito por termos seres apenas cumpridores daquilo que lhes fora imposto, sem que tal ato pudesse dar qualquer mostra de vida real e de um livre arbítrio:

Maria, entretanto abria as pernas, ou as tinha aberto durante o sonho e desta maneira as deixara ficar, fosse por inusitada indolência matinal ou pressentimento de mulher casada que conhece os seus deveres, Deus, que está em toda a parte, estava ali, mas, sendo aquilo que é, um espírito, não podia ver como a pele de um tocava a pele do outro, como a carne dele penetrou a carne dela, criadas uma e outra para isso mesmo, e, provavelmente, já nem lá se encontrava quando a semente sagrada de José se derramou no sagrado interior de Maria, sagrados ambos por serem a fonte e a taça da vida”(Evangelho, p. 27).

Nota-se como Deus é indiferente ao ato de geração de Jesus, embora o narrador diga que tudo foi sagrado, ora “sagrado”, significa aquilo que é dedicado aos deuses. E, novamente, percebemos como eram mecânicas as atitudes do casal, já que aos humanos cabe apenas cumprir a vontade dos deuses, portanto do ato mais íntimo, do gesto mais trivial, nada mostra vida real no casal. Todavia, ao compararmos a intimidade de Jesus e Madalena, havemos de notar a intensa presença da paixão humana legitimamente e por meio dela o processo de humanização de Jesus:

Maria parou ao lado da cama, olhou-o com uma expressão que era, ao mesmo tempo, ardente e suave, e disse, És belo, mas para seres perfeito,

tens de abrir os olhos, Hesitando, Jesus, abriu-os, imediatamente os fechou, deslumbrado, tornou a abri-los e nesse instante soube o que em verdade queria dizer aquelas palavras do rei Salomão,

“As curvas dos teus quadris são como jóias, o teu umbigo é uma taça arredondada, cheia de vinho perfumado, o teu ventre é um monte de trigo cercado de lírios, os teus seios são como dois filhinhos gêmeos de uma gazela, mas soube-o ainda melhor, e definitivamente, quando Maria se deitou ao lado dele, e, tomando-lhe as mãos, puxando-as para si, as fez passar, lentamente, por todo seu corpo, os cabelos e o rosto, o pescoço, os ombros, os seios, que docemente comprimiu o ventre, o umbigo, a púbis, onde se demorou, a enredar e a desenredar os dedos, o redondo das coxas macias..”
(Evangelho, p. 282)

Temos nesta cena um encontro verdadeiramente humano e humanizador, pois Jesus deixa de ser o homem perplexo e perdido para encontrar sua própria essência – a humana. Diferentemente do encontro de José e Maria, neste há realmente o húmus da realização humana que faz com que possamos perceber o livre arbítrio da criatura e a sua realização enquanto ser capaz de fazer a felicidade existir aqui na terra e no plano humano, que somente o humano pode entender.

2.5 A anunciação

O terceiro capítulo do romance, quatro meses depois da concepção de Jesus, apresentou a biografia dos pais da criança, bem como o local onde moravam.

José era marceneiro e morava com sua mulher em Nazaré, uma região da Galiléia.

Maria casara-se muito cedo, cerca de quinze anos e dedicava-se às tarefas domésticas: cardava, fiava, tecia, cozia o pão de cada dia, trazia água da fonte e também freqüentava a sinagoga, mas entrava, junto com as outras mulheres da aldeia, pela entrada lateral, porque este era o costume da época.

O casal, José e Maria, era absolutamente normal dentro dos moldes da cultura judaica; até que algo especial trará mudanças significativas para ambos e isto acontece ao final de um dia comum.

Enquanto servia o jantar do marido, escutou um ruído à porta: era um mendigo que lhe pedia alimento. Maria retirou parte da porção que reservara para si e depositou em uma vasilha de barro. Como no dia da concepção, a natureza mostrava-se diferente *“Embora em diferente, também este crepúsculo estava que era uma beleza, com os seus mil fiapos de nuvem esparsos pela amplidão, rosa, nácar, salmão, cereja, são maneiras de falar da terra para que possamos entender-nos, pois estas cores, e todas as outras, não têm, que se saiba, nomes do céu”* (ESJC, p.32)

Nota-se, novamente, a presença forte da natureza a prenunciar algo importante que será a anunciação.

Maria estava, como boa mulher judia, a servir seu marido. Distraída com seu afazer: quando percebe a aproximação de alguém, e vai saber quem é, logo depois de ter autorização do marido e vai se surpreender com a presença

de um mendigo; uma vez que a região era muito pobre e mendigos nela não eram comuns. A esposa de José dá ao pedinte uma vasilha com comida. Este come e após ter se servido, joga no interior da tigela de barro, terra e a entrega a Maria e anuncia: *“Sou um anjo, mas não digas a ninguém.”* (p.33)

Este é quem anuncia a gravidez para Maria, e diz-lhe estranhar que seu marido não tivesse lido os sinais nos olhos da esposa, pois, segundo ele, isto era comum aos homens. Maria, surpreendida, retorna para o interior da casa e encontra José já preocupado com a sua demora e com os sussurros que julga ter ouvido. A mulher lhe relata o acontecimento e também dá notícias de sua gravidez. José, primeiramente, desconfia do relato da mulher a falar do anjo, pois acredita que a mulher seja presa fácil de Tentador e, posteriormente, vai analisar a vasilha e seu conteúdo extraordinário – a terra que brilhava em seu interior e toma a decisão de consultar os anciões da sinagoga local.

Pode-se notar como José e Maria são judeus e, portanto estão presos às leis do Tora, incapazes de sair dos preceitos dela, não se percebe qualquer índice de espontaneidade que deveria se manifestar no marido ao saber que seria pai, contudo somente tem um casal que segue à risca o papel traçado por Jeová. Pode-se verificar, isto nas intensas orações feitas a cada gesto a cada atitude, dando com isto, a impressão que sejam religiosos, entretanto, não tenham religiosidade.

3. A FUGA

Tem-se, neste passo um momento dramático e trágico, quando José se torna sabedor da ordem do rei Herodes de matar as crianças de três abaixo, desvairado, José só tem um pensamento – salvar seu filho – tudo o mais se torna insignificante para ele, apenas seu filho é importante.

Desvairado, atropelando agora quem lhe aparecesse por diante, derrubando tabuleiros de grutas e gaiolas de pássaros, até a mesa de um cambista, quase sem ouvir os gritos furiosos dos vendilhões do Templo, José não tem outro pensamento que irem matar-lhe o filho, e nem sabe por que, dramática situação, este homem deu a vida a uma criança, outro lha quer tirar, e tanto vale uma vontade como a outra, fazer e desfazer, atar e desatar, criar e suprimir. De súbito pára, apercebe-se do perigo se continuar nesta correria desabalada, aparecem por aí os guardas do Templo e prendem-no, sorte inexplicável foi ainda não terem dado pelo tumulto. Então disfarçando o melhor que podia, como piolho que se acolhe à procura da costura, insinuou-se pelo meio da multidão, e num instante tornou-se anônimo, a diferença era apenas que caminhava um pouco mais depressa, mas isso, no meio do labirinto de gente, mal se notava. Sabe que não deve correr enquanto não chegar à porta da cidade, mas a angustia, o pensamento de que os soldados poderão ir já a caminho, armados terrivelmente de lança, punhal e ódio sem causa, e se por desgraça é a cavalo que vão, trotando estrada abaixo como de passeio, então não há quem os alcance, quando chegar estará seu filho morto, infeliz menino Jesus da minha alma, ora, é neste momento da mais sentida aflição que um pensamento estúpido entra como um insulto na cabeça de José, o salário, o salário da semana que vai ser obrigado a perder, e é tanto o poder destas vis

coisas materiais que o acelerado passo indo ao ponto de deter-se, um tudonada se lhe retarda, como a dar tempo ao espírito de ponderar as probabilidades de reunir ambos os proveitos, por assim dizer, a bolsa e a vida. Foi tão subtil a mesquinha idéia, como uma luz velocíssima que surgisse e desaparecesse sem deixar memória imperativa duma imagem definida, que José nem vergonha chegou a sentir, esse sentimento que é, quantas vezes, porém não as suficientes, nosso mais eficaz anjo-da-guarda. (ESJC, os. 108/9)

Há, neste trecho, elementos importantes que serão retomados por Jesus, posteriormente, quando começado foi seu ministério – a expulsão dos comerciantes do interior do templo e o sentimento de José, pai humano, que teme pela segurança de Jesus e Jeová, pai celeste que está totalmente ausente de todo este transe.

Pode-se dizer que José já prenuncia alguns atos de Jesus em um futuro próximo; parecendo ser aquilo que João Batista dizia ser “aquele que prepara os caminhos” Todavia, este dado em José será mais forte porque Jesus herdará suas sandálias e sua culpa, isto é, toda herança sinistra que será sua trajetória até a cruz semelhantemente a José.

Jose sofrerá a culpa de não ter procurado salvar outras crianças e. egoisticamente, só ter pensado em seu filho.

Jesus se sentirá culpado de estar vivo em detrimento de tantas outras crianças mortas.. Sua grande culpa é estar vivo e por estar vivo pagará muito caro a este Jeová distante e sempre ávido por sangue.

4. A PRISÃO E CRUCIFICAÇÃO DE JESUS

Tem-se aqui o ponto alto do drama de Cristo, a conclusão de seu percurso trágico, novamente aqui o cronotopo se fará presente, pois Jesus vai orar no Monte das Oliveiras. Suplica ao pai celeste que o livre do sacrifício, contudo este se mostra irredutível em sua ânsia por sangue, no Evangelho assim nos é mostrado todo o transe que culminará com a crucificação:

Os guardas do Templo e os soldados de Herodes vieram prender Jesus na primeira luz da manhã. Depois de cercarem caladamente o acampamento, entraram de rompante uns tantos, armados de espada e lança, e o que neles mandava gritou, Onde está esse que diz ser rei dos Judeus, e outra vez, Que se apresente esse que diz ser o rei dos Judeus, então Jesus saiu da sua tenda, estava com ele Maria de Magdala, que vinha chorando, e disse, Eu sou o rei dos Judeus. Então foi-se para ele um soldado que lhe atou as mãos, ao mesmo tempo que lhe dizia em voz baixa, Se, apesar de ires preso hoje, vieres um dia a ser rei, lembra-te de que foi por ordem doutro que te vim prender, dirás então que o prenda a ele, e eu obedecer-te-ei, como agora obedeci, e Jesus disse, Um rei não prende outro rei, um deus não mata outro deus, para que houvesse quem prendesse e matasse é que foram feitos os homens comuns. Lançaram também a Jesus uma corda aos pés para que não pudesse fugir, e Jesus disse consigo mesmo, porque assim o cria, Tarde chega, eu já fugi. Foi então que Maria de Magdala deu um grito como se lhe estivesse rompendo a alma, e Jesus disse, Chorarás por mim. E vós mulheres, todas haveis de chorar, se for chegada uma hora igual para estes que aqui estão e para vós próprias, mas sabeis que, por cada lágrima vossa, se derramariam mil no tempo que há-de vir se eu não fosse acabar como é minha

vontade. E, voltando-se para o que mandava, disse, Deixa ir estes homens que estavam comigo, eu é que sou o rei dos Judeus, não eles, e, sem mais, avançou para o meio dos soldados, que o rodearam. O sol tinha aparecido e subia no céu, por cima das casas de Betânia, quando a multidão de gente, com Jesus posto adiante, entre dois soldados que seguravam as pontas da corda que lhe atava as mãos, começou a subir a estrada para Jerusalém. Atrás iam os discípulos e as mulheres, eles irados, elas soluçando, mas tanto era o que valiam os soluços dumas como a ira doutros, Que devemos fazer, perguntavam á boca pequena, saltar sobre os soldados e tentar libertar Jesus, morrendo talvez na luta, ou dispersar-nos antes que venha também ordem de prisão para nós, e como não eram capazes de escolher entre isto e aquilo, nada fizeram, e foram seguindo, a distância, o destacamento da tropa. Em certa altura, viram que o grupo da frente tinha parado e não perceberam por que, salvo se viera contra-ordem e agora estavam desatando os nós de Jesus, mas para pensar tal coisa era preciso ser muito louco da imaginação, e alguns havia, porém não tanto. Desatara-se um nó, de facto, mas o da vida de Judas de Iscariote, ali, numa figueira à beira do caminho por onde Jesus teria de passar, pendurado pelo pescoço, estava o discípulo que se apresentara voluntário para que pudesse ser cumprida a derradeira vontade do mestre. O que comandava a escolta fez sinal e dois soldados para que cortassem a corda e descessem o corpo, Ainda está quente, disse um deles, bem podia ser que Judas de Iscariote, sentado no ramo da figueira, já com o laço da corda passado ao pescoço, tivesse estado, pacientemente, à espera de ver aparecer Jesus, lá longe, na curva da estrada, para do ramo abaixo se lançar, em paz consigo mesmo por ter cumprido o seu dever. Jesus aproximou-se não o

impediram os soldados, e olhou demoradamente a cara de Judas, retorcida pela rápida agonia, Ainda está quente, tornara a dizer o soldado, então pensou Jesus que podia, se quisesse, fazer a este homem o que a Lázaro não fizera, ressuscitá-lo, para que viesse a ter, noutra dia, noutra lugar, a sua própria e irrenunciável morte, distante e obscura, e não a vida e a memória intermináveis duma traição. Mas é sabido que só o filho de Deus tem o poder de fazer ressuscitar, não o tem o rei dos Judeus que aqui vai, de espírito mudo e pés e mãos atados. O que mandava disse, Deixem-no aí para que o enterrem os de Betânia ou o comam os corvos, mas vejam primeiro se tem valores, e os soldados procuraram e não acharam, Nem uma moeda, disse um deles, não havia de que admirar-se, o dos fundos da comunidade era Mateus, que sabia do ofício, tendo sido publicano no tempo em que se chamava Levi. Não lhe pagaram a denúncia, murmurou Jesus, e o outro, que o ouvira, respondeu, Quiseram-no, mas ele disse que tinha por costume pagar as suas contas, e aí está, já não paga mais. Seguiu adiante a marcha, alguns discípulos ficaram a olhar piedosamente o cadáver, mas João disse, Deixemo-lo, esse não era dos nossos, e o outro Judas, o que também é Tadeu, acudiu a emendar, Queiramo-lo, ou não, há de ser sempre dos nossos, não saberemos o que fazer com ele, e, no entanto continuará a ser dos nossos. Prossigamos, disse Pedro, o nosso lugar não é ao pé de Judas de Iscariote, Tens razão, disse Tomé, o nosso lugar deveria ser ao lado de Jesus, mas vai vazio.

Entraram enfim em Jerusalém e Jesus foi levado ao conselho dos anciãos, príncipes dos sacerdotes e escribas. Estava lá o sumo sacerdote, que se alegrou ao vê-lo e lhe disse, Eu avisei-te, mas tu não quiseste ouvir-me,

agora o teu orgulho não poderá defender-te e as tuas mentiras irão condenar-te, Que mentiras, perguntou Jesus, Uma, a de seres o rei dos Judeus, Eu sou o rei dos Judeus, A outra, a de seres o filho de Deus, Quem te disse que eu digo que sou o filho de Deus, Todos por aí, Não lhes dê ouvidos, eu sou o rei dos Judeus, Então confessas que não és o filho de Deus, Repito que sou o rei dos Judeus, Tem cuidado, olha que só essa mentira basta para que sejas condenado. O que disse, disse, Muito bem, vou-te mandar ao procurador dos romanos, que está ansioso por conhecer o homem que quer expulsá-lo a ele e tirar estes domínios ao poder de César. Levaram Jesus dali os soldados ao palácio de Pilatos e como já tinha corrido a notícia de que aquele que dizia ser rei dos Judeus, o que espancara os cambistas e deitara fogo às tendas, havia sido preso, acorriam as pessoas à vista de toda gente, de mãos atadas como um criminoso comum, sendo indiferente, para o caso, se era rei os autênticos ou dos que presumiam de o ser. E, como sempre acontece, porque o mundo não é todo igual havia gente que tinha pena, outra que não tinha, uns que diziam, Deixem-no ir, que é doido, outros, pelo contrário, achavam que punir um crime é dar um exemplo e que, se aqueles são muitos, estes não devem ser menos. Pelo meio da multidão, com ela confundidos, andavam meio perdidos os discípulos, e também as mulheres que com ele tinham vindo, estas conheciam-se logo pelas lágrimas, só uma delas é que não chorava, era Maria de Magdala, porque o choro se lhe estava queimando dentro.

Não era grande a distância entre a casa do sumo sacerdote e o palácio do procurador, mas a Jesus parecia que não acabava de chegar lá nunca, e não por serem insuportáveis a esse ponto as vaias e os apupos da

multidão, finalmente decepcionada pela triste figura que ia fazendo aquele rei, mas porque lhe tardava comparecer ao encontro que por sua vontade aprazara com a morte, não fosse Deus olhar ainda para esse lado, e dizer, Que é lá isto, não estás a cumprir o combinado. À porta do palácio havia soldados de Roma a quem os de Herodes e os guardas do Templo entregaram o preso, ficando estes de fora, à espera do resultado, e entrando com ele apenas uns quantos sacerdotes que tinham autorização. Sentado na sua cadeira de procurador, Pilatos, que este era o nome, viu entrar uma espécie de maltrapilho, barbudo e descalço, de túnica manchada de nódoas antigas e recentes, estas de frutos maduros que os deuses haviam criado para outro fim, não para serem desabafo de rancores e sinal de ignomínia. De pé, diante dele, o prisioneiro aguardava, a cabeça tinha-a direta, mas olhar perdia-se no espaço, num ponto próximo, porém indefinível, entre os olhos de um e os olhos do outro. Pilatos só conhecia duas espécies de acusados, os que baixavam os olhos e os que deles se serviam como carta de desafio, os primeiros desprezava-os, aos segundo temia-os sempre um pouco e por isso condenava-os mais depressa. Mas este estava ali e era como se não estivesse, tão seguro de si como se fosse, de facto e de direito, uma real pessoa, a quem, por ser tudo isto um deplorável mal-entendido, não tarda que venham restituir a coroa, o ceptro e o manto. Pilatos acabou por concluir que o mais apropriado ainda seria incluir este preso na segunda espécie deles e julgá-lo em conformidade, posto o que, passou ao interrogatório, Como te chamas, homem, Jesus, filho de José, nasci em Belém de Judéia, mas conhecem-me como Jesus de Nazaré porque em Nazaré de Galiléia vivi, Teu pai, quem era, Já te disse, o seu nome era José, Que ofício tinha, Carpinteiro, Explica-me então como saiu de um José

carpinteiro um Jesus rei, Se um rei pode fazer filhos carpinteiros, um carpinteiro deve poder fazer filhos reis. Nesta altura, interveio um sacerdote dos principais, dizendo, Lembro-te, ó Pilatos, que este homem também tem afirmado que é filho de Deus, Não é verdade, apenas digo que sou o filho do Homem, respondeu Jesus, e o sacerdote, Pilatos, não te deixes enganar, na nossa religião tanto faz dizer filho do Homem como filho de Deus. Pilatos fez um gesto indiferente com a mão, Se ele andasse por aí a apregoar que era filho de Júpiter, o caso, tendo em conta que outros houve antes, interessar-me-ia, mas que ele seja, ou não seja, filho do vosso deus, é questão sem importância. Julga-o então por se dizer rei dos Judeus, que isso é o que o bastante para nós. Falta saber se o será também para mim, respondeu Pilatos, de mau modo. Jesus esperava tranqüilamente o fim do diálogo e o recomeço do interrogatório. Que dizes tu que és, perguntou o procurador, Digo o que sou, o rei dos Judeus, E que é que pretende o rei dos Judeus, que tu dizes ser, Tudo o que é próprio de um rei, Por exemplo, Governar o seu povo e protegê-lo, Protegê-lo de quê, De tudo quanto esteja contra ele, Protegê-lo de quem, De todos quantos contra ele estejam, Se bem compreendo, protegê-lo-ias de Roma, Compreendeste bem. E para o protegeres atacarias os romanos, Não há outra maneira, E expulsar-nos-ia destas terras, Uma coisa leva à outra, evidentemente, Portanto, és inimigo de César, Sou o rei dos Judeus, Confessa que és inimigo de César, Sou o rei dos Judeus, e a minha boca não se abrirá para dizer outra palavra. Exultante, o sacerdote levantou as mãos ao céu, Vês tu, ó Pilatos, ele confessa, e tu não podes deixar ir-se com a vida salva, quem, diante de testemunhas, se declarou contra ti e contra César. Pilatos suspirou, disse para o sacerdote, Cala-te, e, tornando a Jesus, perguntou, Que mais tens

para dizer, Nada, respondeu Jesus, Obrigas-me a condenar-te, Faz o teu dever, Queres escolher a tua morte, Já escolhi, Qual, A cruz, Morrerás na cruz. Os olhos de Jesus, enfim, procuraram e fixaram os olhos de Pilatos, Posso pedir-te um favor, perguntou, Se não for contra a sentença que ouviste, Peco-te que mandes pôr por cima da minha cabeça um letreiro em que fique dito, para que me conheçam, quem sou e o que sou, Nada mais, Nada mais. Pilatos fez sinal a um secretário que lhe trouxe o material de escrita e, por sua própria mão, escreveu Jesus de Nazaré Rei dos Judeus. O sacerdote, que estivera entregue ao seu contentamento, deu-se conta do que sucedia e protestou, Não podes escrever Rei dos Judeus, mas sim Que se Dizia Rei dos Judeus, ora Pilatos estava enfadado consigo mesmo, parecia-lhe que deveria ter mandado o homem à sua vida, pois até o mais desconfiado dos juízes seria capaz de ver que nenhum mal podia advir a César de um inimigo como este, e foi por tudo isto que respondeu secamente, Não me mates, o que escrevi, escrevi. Fez sinal aos soldados para tirarem dali o condenado, e mandou vir água para lavar as mãos, como era seu costume depois dos julgamentos.

Levaram dali Jesus para uma altura a que chamavam Gólgota, e, como já lhe iam fraquejando as pernas sob o peso de patíbulo, apesar da sua robusta compleição, mandou o centurião comandante quer um homem que ia de passagem e parara um momento para olhar o desfile tomasse conta da carga. De apupos e vaias já se deu antes notícia, como da multidão que os lançava. Também de rara piedade. Quanto aos discípulos, esses andam por aí, agora mesmo uma mulher acabou de interpelar Pedro, Tu não era dos que estavam com ele, e Pedro respondeu, Eu, não, e tendo dito escondeu-se atrás

de todos, mas ali tornou a encontrar a mesma mulher e outra vez lhe disse, Eu, não, e porque não há duas sem três, sendo a de três a conta que Deus fez, ainda Pedro foi terceira vez perguntado - a terceira vez respondeu, Eu, não. As mulheres sobem ao lado de Jesus, umas tantas aqui, umas tantas ali, e Maria de Magdala, é a que mais perto vai, mas não pode aproximar-se porque não a deixam os soldados, como a todos e todas não deixarão passar nas proximidades do local onde estão levantadas três cruzes, duas ocupadas já por dois homens que berram e gritam e choram, e a terceira ao meio, esperando o seu homem, direita e vertical como uma coluna sustentando o céu. Disseram os soldados a Jesus que se deitasse, e ele deitou-se, puseram-lhe os braços abertos sobre o patíbulo, e quando o primeiro cravo, sob a bruta pancada do martelo, lhe perfurou o pulso pelo intervalo entre os dois ossos, o tempo fugiu para trás numa vertigem instantânea, e Jesus sentiu a dor com seu pai e sentiu, viu-se a si mesmo como o tinha visto ele, crucificado em Séforis, depois o outro pulso, e logo a primeira dilaceração das carnes repuxadas quando o patíbulo começou a ser içado aos sacões para o alto da cruz, todo o seu peso suspenso nos frágeis ossos, e foi como um alívio quando lhe empurraram as pernas para cima e um terceiro cravo lhe atravessou os calcanhares, agora não há mais nada a fazer, é só esperar a morte.

Jesus morre, morre e já o vai deixando a vida, quando de súbito o céu por cima da sua cabeça se abre de par em par e Deus aparece, vestido como estivera na barca, e a sua voz ressoa por toda a terra, dizendo, Tu és o meu Filho muito amado, em ti pus toda a minha complacência. Então Jesus compreendeu que viera trazido ao engano como se leva o cordeiro ao

sacrifício, que a sua vida fora traçada para morrer assim desde o princípio dos princípios, e, subindo-lhe à lembrança o rio de sangue e de sofrimento que do seu lado irá nascer e alagar toda a terra, clamou para o céu aberto onde Deus sorria, Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez, Depois, foi morrendo no meio de um sonho, estava em Nazaré e ouvia o pai dizer-lhe, encolhendo os ombros e sorrindo também, Nem eu posso fazer-te todas as perguntas, nem tu podes dar-me todas as respostas. Ainda havia nele um resto de vida quando sentiu que uma esponja embebida em água e vinagre lhe roçava os lábios, e então, olhando para baixo, deu por um homem que se afastava com um balde e uma cana ao ombro, Já não chegou a ver, posta no chão, a tigela negra para onde o seu sangue gotejava.”(Saramago, os.437/445)

Com a prisão e crucificação temos a tragicidade em toda sua plenitude, Jesus é levado ao julgamento e, ainda que inocente, foi condenado a morte e prefere a crucificação e ainda pede para se considerado apenas Rei dos Judeus, isto indica que fizera a opção pelo humano e não pelo divino, pois sua caminhada fora do divino para o humano como herói, isto é, “aquele que se doa, não fugira de seu destino, entretanto não pediu sacrifícios, por constatar a inutilidade deles e prefere ele mesmo se sacrificar e nesta hora tão agônica surge a figura de Jeová, Deus cruel e insensível, que se comprazia com aquele sofrimento a sorrir de satisfação, exatamente como na cena da ovelha no deserto e Jesus pede aos homens que o perdoem, pois este não sabe o que faz, já que sendo Deus não consegue, em sua perfeição absoluta, entender as agruras e imperfeições da criatura humana, ao contrário de Jesus que morre totalmente humanizado, segundo a óptica de Saramago, tudo

estava consumado, somente restava esperar pela história que mostraria toda extensão daquela hora e muitos, e muitos artistas iriam apresentar tais fatos, inclusive José Saramago.

No Evangelho de Jesus Cristo, não há lugar para a ressurreição, uma vez que o autor escolhe o Jesus Cristo (ungido) humano e não divino e ao homem é dado morrer uma só vez, contudo este acontecimento pereniza-se na história, construção humana e aos deuses é dada a eternidade que, também pelos homens deve ser reconhecida, portanto “não se mata os deuses”, entretanto não se aniquila totalmente os feitos e uma vida humana porque, por breve que seja, esta vida terá a eternização da história humana e enquanto houver homens, haverá história e deuses.

5. CONCLUSÃO

“Há somente a linguagem para estabelecer as relações entre o homem e o mundo, e entre os homens.” (Beth Brait in I, p.22)

Seria truísta a afirmação de que a literatura é arte cuja matéria essencial é a palavra, contudo é indispensável que não seja esquecida desta afirmação para se poder compreender, plenamente, a reafirmação desta verdade na produção da obra de José Saramago.

Quando se lê seu romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo* é o próprio autor quem afirma: *“...o que se tem diante de nós é papel e tinta, mais nada”* (ESJC, p. 13); pois é com papel e tinta que o homem vai deixando grafado a palavra, portanto pode-se acrescentar que literatura é a arte da palavra escrita, segundo o que se pode deduzir do que foi dito por Saramago e por muitos outros teóricos que falam da literatura.

Assim é através do papel e da tinta que se vê o discurso que forma o texto literário e pela linguagem que tem como específico a palavra, tem-se a linguagem que estabelecerá a relação entre leitores, o narrador e a obra literária. No caso especial de Saramago no ESJC é mais complexa a obra, na medida em que a história por ele narrada, é por demais conhecida e recontada na medida em que se fala de um homem que foi tornado como Deus ou de um Deus que foi tornado homem.

O escritor tem como proposta, por meio do discurso, voltar a colocar Cristo em uma perspectiva humana e não divina. Contudo Jesus aparece cambiante entre Deus e homem já aí estabelecendo um dialogismo entre divino e humano.

Esta ambivalência da figura de Cristo, apresentado pelo mito de Jesus e por Jesus histórico está dando margem a que o princípio de identidade, primeira base par a lógica aristotélica seja rompido, porque se fosse Deus não deveria ser homem e se fosse homem deveria ser eliminada a possibilidade de ser Deus, segundo a visão comum do mundo ocidental.

Saramago ao escrever seu Evangelho o faz de maneira irônica, pois os Evangelhos são sagrados e fechados não admitindo aumento ou outras leituras, uma vez que o sagrado significa aquilo que se dá aos deuses, portanto somente se oferece a Deus o perfeito, o irrepreensível.

A ironia usada pelo autor em seu evangelho dá o avesso do afirmado, porque a ironia acaba por dessacralizar o relatado. Acredita-se que aquilo que é de Deus é verdadeiro, único e absoluto, assim concebe a religião cristã; entretanto Saramago faz uma espécie de rebaixamento destas noções todas e com isto relativiza, por meio do discurso, o ser absoluto que é o Deus, visto pelos textos judaico-cristãos que constituem a base dos escritos bíblicos.

Dogmaticamente o cristão fiel acredita que está proibido, pela Igreja, por questão de fé, a pensar de modo diferente do que se foi ensinado como dogma, ou melhor, como a palavra viva de Deus.

Saramago não é um crente, mas um homem com uma perspectiva materialista de análise da história, contudo inserido no universo cultural português, envolvido em uma essencialidade portuguesa, todavia conduzido por outros parâmetros que não cristãos e no caso do escritor, a sua visão e marxista, por esta escolha sua proposta de análise ideológica de Portugal somente pode acontecer pelo viés irônico.

O tema abordado ainda se torna mais complexo na medida em que o autor vai recontar uma história já por muito conhecida e, deste modo, objeto de, tantos outros discursos, porque ao falar de Jesus, Saramago, esta falando de um homem que se torna Deus por meio do discurso. O conhecimento da vida de Jesus foi realizado pelos quatro evangelhos chamados canônicos, sem os quais seria impossível conhecer-se o Cristo, assim é chamado Jesus, pois este, segundo o Cristianismo, é o Ungido e assim definido no Dicionário de Símbolos (*Jean Chevalier e Alain Gheerbrant*);

“Sem pretender atacar a tese da realidade histórica do Cristo, nem tampouco a da realidade do Verbo encarnado, porém, ao contrário, baseando-se nessas realidades, muitos autores viram no Cristo a síntese dos símbolos fundamentais do universo: o céu e a terra, por suas duas natureza – divina e humana; o ar e o fogo. Por sua ascensão e sua descida aos infernos, o túmulo e a ressurreição;

(...) Ao inverso, quando se considera a face noturna do símbolo, por seu calvário, sua agonia e sua crucificação, ele representa as conseqüências do pecado, das paixões, da perversão da natureza humana. E para as consciências que não admitem essas noções de pecado, de piedade ou de sacrifício, ele emcarna o desprezo pela natureza e por seus arrebatamentos. Ele é o *anti-Dioniso*. Volta contra si mesmo todos os valores humanos. O que ele se tornou, na interpretação da Igreja, escreve Nietzsche no Anticristo, opõe-se a tudo o que há de bom na vida: *Tudo o que exalta no homem o sentimento de poder, a vontade de poder, e o próprio poder*” (*Dicionário de Símbolos, Jean Chevalier, p.304*)

José Saramago ao criar seu romance fez opção por um gênero de formação ainda recente, já que romance como gênero é propício a analisar dramas individuais, pois como afirma João Hernesto Weber, em sua obra *Caminhos do romance brasileiro*:

“A narrativa épica em prosa conhecida como romance adquire status literário com a ascensão da burguesia na Europa, nos sécs.XVIII e XIX. Até então, a ação dos homens sobre o mundo fora celebrado pela narrativa épica em versos, regulares e simétricos, a revelarem uma ordenação aristocrática da sociedade. O mundo épico, em outras palavras, organizava-se conforme a ordem histórico-social concreta imposta pela aristocracia: grandiloquente e nobre como quem detinha o poder. Segundo o demonstra a própria tradição lingüística, também ela reveladora de uma articulação histórico-social determinada, a prosa, nesse contexto, servia apenas a representação do prosaico, que aos olhos de quem dominava o mundo não possuía dignidade, nem poderia ser levado a sério.”(p.9)

O romance é uma edificação humana feita por meio da palavra, tendo como intuito falar da alma humana, dos dramas, ilusões, fantasias, medos enfim daquilo que faz o homem ser humano e não outra coisa.

Buscando a origem do romance pode-se perceber que está na oralidade sua essência e a escrita buscou apenas fixar histórias já conhecidas e transmitidas por meio da fala,, aprisionando-as para sempre no papel.

Ora, a oralidade tem como recurso os gestos, as expressões faciais,, o espaço físico, a luz, a sombra, enfim, todo um arsenal que o texto escrito carecerá, embora, este deva transmitir com a mesma intensidade, entretanto somente através da palavra, sem os mesmos recursos da oralidade, a escrita perde muito em relação a oralidade. E deverá, de algum modo, compensar o perdido.

A trama feita pelo discurso literário para transmitir a história é algo especial e complexo, pois dependerá da capacidade do escritor em dominar os meandros do discurso para a realização plena de sua proposta de contar algo de maneira eficaz e envolvente para o leitor da obra.

Pode-se dizer que a narrativa realizada no Evangelho segundo Jesus Cristo, é constituída por meio de uma paródia dos evangelhos canônicos.

Literatura é representação, isto é uma característica de toda manifestação artística e também sua grande dificuldade de análise. Desde Platão, é complexo entender o que isto realmente significa, pois, os artistas, por diversos meios, buscam mostrar como sentem e percebem o mundo no qual estão postos, todavia ao fazê-lo, os artistas dão sua visão e no caso da literatura, o meio usado é a palavra, ora, esta deverá ser capaz de transmitir cores, sensações, odores, enfim, o mundo como captado pela sensibilidade do artista somente através do desenho das letras e a capacidade do escritor em organizar o seu discurso de modo eficiente

Sendo o gênero ficcional a criação de uma supra realidade, mais complexa será sua representação, assim, sabendo-se que a arte é representação da realidade e não a realidade verdadeiramente tem-se a dimensão da complexidade do fazer literário.

Quando se fala de discurso, sabe-se que este é a efetivação da criação ficcional., fruto da capacidade artística em projetar o mundo tal como o autor sente ou deseja,, através da capacidade, sensibilidade e conhecimento da língua escolhida para criar a sua obra literária.

Esta realização plasma-se a partir da perícia do escritor no uso e domínio dos recursos todos da língua por ele utilizada, portanto o discurso tem maior ou menor repercussão junto ao público, na medida em que o autor assim o saiba fazer, isto é dominar a arte de bem escrever.

Nota-se que Saramago, a partir de seu romance *Levantado do chão*, de 1980, resolveu libertar-se da égide das normas tradicionais, inclusive de pontuação mais rígidas e dar aos seus trabalhos maior flexibilidade, já que domínio do idioma sabe-se que o autor tem e tentado, com isto, permitir a maior participação do leitor na formação do sentido da obra, pois tudo, até mesmo a pontuação, deveria seguir a emoção do texto, partindo do envolvimento de quem lê, isto se pode- perceber no excerto abaixo:

“De certeza que a mulher ajoelhada se chama Maria, pois de antemão sabíamos que todas quantas aqui vieram juntar-se usam esse nome, apenas uma delas, por ser ademais Madalena, se distingue onomasticamente da outras, ora, qualquer observador, se conhecedor bastante dos factos, a primeira vista, que a mencionada Madalena, é esta precisamente, porquanto só uma pessoa como ela, de dissoluto passado, teria ousado apresentar-se, na hora trágica, com um decote tão aberto, é um corpete de tal maneira justo que lhe faz subir e altear a redondeza dos seios, razão por que, inevitavelmente, está atraindo e retendo a mirada sôfrega dos homens que passam, com o grave dano das almas, assim arrastadas à perdição pelo infame corpo” (ESJC,pgs,14/5)

Nota-se como o escritor dá expansão ao período, sem levar em conta normas estabelecidas por gramáticas normativas, e busca colocar ironia, malícia, enfim todo tipo de emoção., somente modulada pelo leitor e sua capacidade emotiva mais que sua capacidade racional.

Ao montar seu discurso literário em seu romance, supra mencionado, José Saramago, fez uso da linguagem dos cronistas, visto que relata o cotidiano de Jesus, seus seguidores e opositores. Ora, a crônica é a forma literária “que por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, no ar de coisas sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia, principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural” (Candido, p.13), mas também usa do discurso bíblico, e assim os eventos descritos na Bíblia são, no dizer de alguns eruditos, “eventos de linguagem”, trazidos até nós apenas por palavras; e são as próprias palavras que guardam o sentido de autoridade, não os eventos que descrevem. A Bíblia significa literalmente o que ela diz, nada mais, nada menos, mas pode significar o que diz apenas sem nenhuma referência primordial como algo fora do que diz (Frye, p.88) já que está escrevendo um *evangelho*, deste modo, busca apresentar nele elementos básicos deste tipo de discurso que se caracterizará pela presença do imperativo, da segunda pessoa do singular, de aforismos, isto é, enunciação de “verdades”, em frases sintéticas.

A vantagem do discurso bíblico está na impossibilidade de contestação do mesmo, pois este é a manifestação do próprio Deus, sendo considerado como pertencente a idade mítica, logo impossível de contestação., porque o texto dito sagrado é uma manifestação hierofânica, isto é, aparecimento ou manifestação reveladora do sagrado,

Pode-se perceber também que a linguagem não reflete nem referencia alguma realidade com existência independente, mas na verdade possui o poder de construir uma realidade, ainda que ficcional. Deste modo,

reconhece-se a originalidade da revisitação ao autor ao tema já muito visto – a vida de Jesus por uma nova perspectiva ideada pelo escritor.

O autor, por meio de seu Evangelho, deu o viés trágico da personagem de Cristo e engrandeceu o fator humano, pois é o ser de existência limitada pelo tempo e preso a um determinado espaço é capaz de uma grande busca advinda de sua necessidade de encontrar sua essência para dar significado ao existir humano e a dificuldade de uma resposta única e definitiva para esta dúvida que tem feito toda a diferença na caminhada pelo mundo, e em virtude disto foram, criados mitos, religiões e filosofias que constituem o legado deixado como traço da caminhada desse ser tão pequeno e ao mesmo tempo tão grande que se chama – homem, mesmo caindo se levanta e prossegue atrás da resposta da pergunta que não se cala: por que existimos?

Saramago é um autor inquieto e que, constantemente questiona a si mesmo e a todos nós, seres humanos que buscamos compreender o mistério de existirmos.

Segundo Carlos Reis, crítico e professor de literatura em Portugal,

“O título funciona, aliás, em José Saramago, como afirmação de um paradigma discursivo, ou até, nalguns casos, como explícita regência de gênero. Os romances de Saramago surgem, então como *manual*, como *memorial* como *história*, como *anúário* de incidência biografista, como *evangelho* ou como *ensaio*. A dominância do título trabalhado como alusão paradigmática não significa, contudo, uma sujeição passiva a gêneros e dos campos institucionais: a enunciação de um novo evangelho (que é também um antievangelho), a revisão da história oficial ou a reconstituição de (parte de) uma biografia. Como quer que seja, nada disso é possível à revelia de uma matriz de referência que é o conhecimento e o controle de estratégias discursivas relativamente estáveis, mas também susceptíveis de questionação” Reis, p. 19)

O autor fez o percurso de sua obra abrindo seu romance com um quadro de Durer (pintor alemão, 1471/1528) que apresenta a crucificação de Cristo e fecha seu Evangelho com a descrição por palavras da morte de Jesus, O Cristo na cruz, dando ao leitor a impressão de uma obra de caráter circular que parte de um ponto e a ele retorna, após trilhar e buscar responder as indagações fundamentais, tais como: qual seria a essência de Jesus Cristo? Divina? Humana? E conclui pela superioridade da condição humana e aponta apenas nela a possibilidade de respostas para nossas indagações e inquietações.

Não há fora da condição humana, nenhuma salvação ou resposta.

Aos homens foi dado viver como homem e tão somente como homem, não havendo respostas que transcendam esta verdade. Pode-se criar teologias, filosofia, ficções, mas deve-se ter em mente que tudo está no âmbito da possibilidade humana e não nos deuses,

O autor, na conclusão da obra, não fala da ressurreição, pois seu herói, não é mais o homem que estava perdido entre o divino e o humano, agora ele estava certo de ser humano e como humano cumpriu seu destino e este é o legado deixado por ele a toda criatura humana: - ao homem é dado morrer uma só vez, vindo, depois disto a história ou o esquecimento, que serão sua maldição se nada puder realizar que possa perpetuar na memória dos outros homens; ou sua redenção, pelo quanto deixar de sua história de vida para a posteridade, assim sendo, a literatura seria uma das chave que abrem esta possibilidade, portanto, passarão o céu e a terra, mas as palavras, preferencialmente escritas, estas ficarão, porque *scripta manent, verba volant*"

O *Evangelho Segundo Jesus Cristo* cumpriu sua proposta primeira que foi recontar a história de Jesus pela visão do autor e mostrar sua caminhada trágica, todavia fundamental para dar maior dignidade a condição humana e mostrar que independente dos deuses imortais, o homem é capaz de perenizar-se através de suas ações, dúvidas, definições e incertezas uma verdade que será a resposta para seu existir.

A dignidade do homem e sua essência estão em viver, cumprir seu destino e morrer. "*E ir para muito longe, pára ao pé do Fado, mais longe que os deuses*" (Pessoa, 185).

6. REFERÊNCIAS

- AMORIN, Marília. O pesquisador e seu outro. Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo. Musa Editora, 2001.
- AUERBACH, Erich. Mimesis. São Paulo. Editora Perspectiva, 1976.
- AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. Dicionário Analógico da Língua Portuguesa: idéias afins. Brasília: Coordenada / Thesaurus, 1983.
- BACHELARD, Gaston. A poética do Espaço. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo; Martins Fontes, 1993.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. A cultura popular da Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais/ Mikhail Bakhtin; tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo; Hucitec, Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.
- BASTIDE, Roger. Estudos Afro-brasileiros. São Paulo, Editora Perspectiva, 1983.
- BENTLEY, Eric. O Dramaturgo como pensador. São Paulo: Civilização Brasileira, 1991.
- BERRINI, Beatriz. José Saramago. São Paulo: Educ, 1999.
- BERTHOLD, Margot. História do Teatro/ tradução Maria Paula Zurawski, J. Guinsburg, Sérgio Coelho e Clóvis Garcia. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 20-4.
- BERVEILLER, Michel. A Tradição Religiosa na Tragédia Grega. São Paulo: Editora Nacional, 1935.
- BLOOM, Harold. Jesus e Jacé; Os nomes divinos trad. José Roberto O'Shea; Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- BORNHEIM, Gerd A. O Sentido e a Máscara. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969.
- BRAGA, Mirian Rodrigues. A concepção de Língua de Saramago: o confronto entre o dito e o escrito. São Paulo: Arte& Ciência, 1999.
- BRAIT, Beth. BAKHTIN Conceito-Chave.-São Paulo: Contexto, 2005.
- BRANDÃO, Junior. Dicionário mítico-etimológico e da religião romana. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BRANDÃO, Junito de Souza. Teatro Grego/Tragédia e Comédia. Petrópolis: Vozes. 1985.
- BUCKLAND, A.R. Dicionário Bíblico Universal; Flórida, Editora Vida, 1987.
- CAIRNS, Earle. E. O Cristianismo através dos Séculos. Uma história da Igreja Cristã, São Paulo, Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1990.
-

- CALBUCCI, Eduardo. Saramago, O roteiro para os romances, São Paulo, Ateliê Editorial, 1999.
- CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1998.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. Estudos sobre as tragédias de Sêneca. São Paulo; Alameda, 2005.
- CHEVALIER, Jean. Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Jean Chevalier, Alain Gheerbrant [e a colaboração de André Barbault...et al]; coordenação Carlos Sissekind; tradução de Vera Costa e Silva et al 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.
- COSTA, Horácio. José Saramago. O período formativo, Portugal, Caminho, s/d.
- COSTA, Ligia Militz da Costa e Maria Luiza Ritzel Remédios. A tragédia – Estrutura e história, São Paulo, Editora Ática, 1986.
- COURTINE, Jean François. A tragédia e o tempo da história; tradução de Heloisa B.S. Rocha. São Paulo, Ed. 34, 2006.
- DETHLEFSEN, Thorwald. Édipo – O solucionador de enigmas. São Paulo: Cultrix, 1997.
- DUE, Andréa. Atlas histórico do Cristianismo. Trad. de Ivo Montanhese, Rômulo de Souza, Orlando Reis- Aparecida, SP: Editora Santuá, RJ: Vozes, 1999.
- EHRMAN, Bart D.. O que Jesus disse? O que Jesus não disse?: quem mudou a Bíblia e por quê/ trad. Marcos Marcionilo- São Paulo; Prestígio, 2006.
- ELIADE, Mircea. Histórias das Crenças e das Idéias Religiosas. 2ª Ed. Rio de Janeiro, v.2,1983.
- ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano. São Paulo. Martins Fontes. 2001.
- Faraco, Carlos Alberto. Linguagem & Diálogo - As idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba. Criar Edições, 2006.
- FERRAZ, Salma. As Faces de Deus na obra de um ateu José Saramago. Juiz de Fora, UFJF; Blumenau: Edifurb, 2003.
- FERRAZ, Salma. Ensaio. São Paulo, Editora Cone Sul, 1997.
- FINAZZ, Ettore; VECCHI, Agro; VECCHI, Roberto (orgs.). Formas e mediações do trágico moderno. São Paulo: Unimarco Editora, 2004.
- FRYE, Northrop. O código dos códigos. A Bíblia e a Literatura. Tradução de Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.
-

- GASSNER, John. *Mestres do teatro I*. Tradução de Alberto Guzik, J. Guinsburg. São Paulo, Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.
- GLOTZ, Gustave. *A cidade grega*. São Paulo, Difel, 1980.
- GUIGNEBERT, Ch. *Jesus*, tomo XLIV, trad. Aurélio Garzon Del Camino, México, 1961.
- HAIGHT, Roger. *Jesus, símbolo de Deus*. Trad, Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Paulinas, 2003.
- HOOK, Sidney. *O herói na História*, Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1962.
- JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo*, trad. Cristiana de Assis Serra. Rio de Janeiro: Imago Ed. 2001.
- KERENYI, Carl- Dioniso/ *Imagem arquetípica da vida indestrutível*, trad. Ordep Trindade Serra; ver. Rosana Citino, São Paulo: Odysseus, 2002.
- KITT, H. D, F. *A Tragédia Grega*. Coimbra: Armênio Amado, 2 volumes, 1990.
- KONINGS, Johan. *A palavra se fez livro*, São Paulo, Edições Loyola, 1999.
- LOPONDO, Lílian. *Saramago Segundo Terceiros*. São Paulo. Humanitas, 1998.
- LOPONDO, Lílian; BASTOS, Neusa. (Orgs). *Ensaio: Língua e Literatura* São Paulo: Scortecci Editora, 2003.
- Machado, Luís Toledo. *O herói, o mito e a epopéia*. São Paulo, Editora Alba, 1962.
- MAFFESOLI, Michel. *O instante Eterno. O retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. Tradução Rogério de Almeida, Alexandre Dias. São Paulo, 2003.
- MAGALDI, Sábado. *O texto no Teatro*, São Paulo. Editora Perspectiva, 1999.
- MALHADAS, Daisi, *Tragédia Grega. O mito em cena*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.
- Manguel, Alberto. *Uma história da leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo. Cia. das Letras, 1997.
- MARTINS FILHO, Ives Gandra. *Manual Esquemático de História da Filosofia*. São Paulo: LTr, 1997.
- MARTINS, Wilson. *A palavra escrita - História do livro, da imprensa e da biblioteca*: São Paulo, 3ª Edição, Editora Ática. 2002.
- MEIER, John P. *Um judeu marginal: repensando o Jesus histórico*, v3 livro 2, trad. Laura Rumchjinsky. Rio de Janeiro: Imago Ed. 2004
-

- MOUSSINAC, Leon. História do Teatro. Das origens aos nossos dias, tradução de Mario Jacques (Portugal) Livraria Bertrand, 1957.
- NIETZCHE, Frederico. A origem da tragédia, tradução de Álvaro Ribeiro, Lisboa, Guimarães Editores, 1993.
- NUÑEZ, Carlinda Fragale et al. Rio de Janeiro, Centro Cultural Banco do Brasil, Entourage Produções Artísticas, 1994.
- Ohlweiler, Otto Alcides. A religião e a filosofia no mundo greco-romano. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1990.
- Pessoa, Fernando. Seleção poética, Rio de Janeiro, Cia. José Aguilar Editora, 1972.
- PROPP, Wladimir. Comicidade e Riso. Tradução: Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade, São Paulo, Editora Ática, 1992.
- Reis, Carlos. Diálogos com José Saramago. Editora Caminho, SA, Lisboa, 1998.
- ROMILLY, Jacqueline de. A Tragédia Grega: Lisboa, Edições 70, 1999.
- ROSENFELD, Anatol. História da Literatura e do Teatro Alemães, São Paulo, Perspectiva; Editora da Universidade de São Paulo, Campinas; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- ROSENFELD, Anatol. Prismas do Teatro. São Paulo, Editora Perspectiva, 2000.
- ROSENFELD, Kathrin Holzermayr com colaboração de Francisco Marshall, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.
- RUDNYTSKY, Peter L. Freud e Édipo, São Paulo, Editora Perspectiva, 2002.
- RUDNYTSKY, Peter L. O Teatro Épico. São Paulo, Editora Perspectiva, 2004.
- SANTANA, Jaime dos Reis. São Paulo, Novo Século Literário, 2003.
- SANTOS. Volnei Edson (org). O trágico e seus Rastros. Londrina: Eduel, 2004.
- SARAMAGO, José. José Saramago: uma homenagem / org. Beatriz Berrini. São Paulo, 1999.
- SCHILLER, Friedrich. Teoria da Tragédia, São Paulo: EPU, 1991.
- SILVA, Teresa Cristina Cerdeira. José Saramago entre a história e a ficção: uma saga de portugueses. Lisboa, Publicações Dom Quixote. 1989.
-

- SILVEIRA, Edeval. O comunismo do caminho: a prática dos primeiros seguidores de movimento de Jesus na comunidade de Jerusalém. Porto Alegre, RS, Zouk, 2006.
- SISSA, Giulia e Marcel Detienne. A vida Cotidiana - Os deuses gregos. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- STAM, Robert. Bakhtin. Da teoria Literária à Cultura de Massa. São Paulo: Ática, 2000.
- STEINER, George. A morte da tragédia. Tradução Isa Kopelman. São Paulo; Perspectiva, 2006.
- STRAUSS, Claude Levi. Mito e Significado. Lisboa Edições 70. s.d.
- SZONDI, Peter. Ensaio sobre o Trágico. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed. 2004.
- TEZZA, Cristóvão. Entre a prosa e a prosa: Bakhtin e o formalismo russo. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- VERNANT, Jean Pierre. Mito e tragédia na Grécia antiga I-II./Jean Pierre e Pierre Vidal Naquet. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- WEBER, João Hernesto. Caminhos do romance brasileiro. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.
- WILLIAMS, Raymond,. A tragédia moderna. Tradução: Betina Bischof. São Paulo: Colsac & Naify, 2002.
-

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)